

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

CELESTINO GABRIEL DE LIZ

**EXPERIÊNCIA E SEMIFORMAÇÃO: ANÁLISE DO
HOMESCHOOLING NO BRASIL**

FLORIANÓPOLIS

2023

CELESTINO GABRIEL DE LIZ

**EXPERIÊNCIA E SEMIFORMAÇÃO: ANÁLISE DO HOMESCHOOLING NO
BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação. Linha de pesquisa: Educação, Comunicação e Tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. Lidnei Ventura

**FLORIANÓPOLIS
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Universitária Udesc,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

de Liz, Celestino Gabriel
EXPERIÊNCIA E SEMIFORMAÇÃO: : ANÁLISE DO
HOMESCHOOLING NO BRASIL / Celestino Gabriel de Liz. --
2023.
93 p.

Orientador: Lidnei Ventura
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação,
Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis,
2023.

1. Experiência. 2. Semiformação. 3. Homeschooling. 4.
Obscurantismo. I. Ventura, Lidnei. II. Universidade do Estado
de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. III.
Título.

CELESTINO GABRIEL DE LIZ

EXPERIÊNCIA E SEMIFORMAÇÃO: ANÁLISE DO HOMESCHOOLING NO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação. Linha de pesquisa: Educação, Comunicação e Tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. Lidnei Ventura

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Lidnei Ventura - Orientador
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membros:

Professora Doutora Roselaine Ripa
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Professor Doutor Alex Sander da Silva
Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

Professora Doutora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva - Suplente
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Dedico este trabalho a minha companheira
Carol, com amor!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que contribuíram para a realização desta dissertação de mestrado. Sem o apoio e incentivo de cada um de vocês, esse trabalho não seria possível.

Primeiramente, agradeço à Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) por me proporcionar a oportunidade de estudar no Programa de Pós-Graduação da FAED. Agradeço a todos os professores e funcionários do centro da educação FAED, que desempenham um papel fundamental na formação acadêmica dos alunos.

À minha companheira Carol, sou imensamente grato pelo apoio incondicional ao longo de todo o processo. Seu amor, paciência e compreensão foram essenciais para que eu pudesse me dedicar aos estudos e concluir esta etapa da minha vida acadêmica.

Gostaria de estender meus agradecimentos aos meus colegas de mestrado, Eliano, Luciana e a Nataliê. Juntos, compartilhamos momentos de aprendizado, troca de conhecimento e superação de desafios. Agradeço por suas contribuições valiosas e pela amizade que desenvolvemos ao longo desses anos.

Não posso deixar de mencionar meu orientador, Lidnei Ventura. Sua orientação precisa, incentivo constante e conhecimento profundo na área foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Sou grato por sua dedicação e por acreditar em meu potencial.

Agradeço também à Banca de Mestrado, composta pela professora Roselaine Ripa, pelo professor Alex Sander da Silva e pela professora Maria Cristina. Suas valiosas contribuições, sugestões e críticas construtivas enriqueceram meu trabalho e me ajudaram a aprimorar minhas habilidades de pesquisa.

Por fim, não posso deixar de agradecer a Lolla. Sua companhia amorosa e leal trouxe alegria e descontração aos momentos de estudo, aliviando o estresse e tornando essa jornada mais prazerosa.

Além dos agradecimentos já mencionados, gostaria de estender minha gratidão aos meus colegas do pedagógico do trabalho no CDI (Centro de Educação Digital). Juntos, enfrentamos desafios, compartilhamos ideias e desenvolvemos estratégias. Sou grato por todo o aprendizado e companheirismo mútuo e pela parceria que construímos ao longo desse período.

A todos os mencionados e àqueles que, porventura, tenham contribuído indiretamente, meu mais sincero agradecimento. Seu apoio, incentivo e confiança foram fundamentais para o sucesso desta dissertação de mestrado. Sou grato por fazer parte desta comunidade acadêmica e espero poder retribuir no futuro.

Muito obrigado a todos!

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores [...] isso se deve ao fato de que o esclarecimento ainda se reconhece a si mesmo nos próprios mitos.
(ADORNO, 1985, p. 19-22)

Esqueça a luz, respire o fundo
Eu sou um déspota esclarecido
Nessa escura e profunda mediocracia.
(GESSINGER, 1995)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o *homeschooling* ou ensino domiciliar, no Brasil com a ascensão da extrema direita no governo, sob a perspectiva das categorias de experiência e semiformação. Baseado nas reflexões de Walter Benjamin e Theodor Adorno, o estudo busca compreender o impacto do avanço do ensino domiciliar no contexto atual brasileiro, considerando suas implicações no campo da educação. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e documental, fundamentada nas ideias de Benjamin e Adorno. A pesquisa parte do entendimento de Benjamin sobre a decadência da experiência na modernidade, quando a narrativa é substituída por vivências fugazes e superficiais. Essa falta de narrativa afeta a formação das pessoas e sua relação com o mundo. Por sua vez, Adorno destaca a semiformação como um problema da sociedade moderna, caracterizada pela ausência de pensamento crítico, reflexão filosófica e sensibilidade estética. No Brasil, o ensino domiciliar tem sido impulsionado por grupos conservadores e ultraliberais, que veem na educação um produto econômico e promovem a privatização e terceirização do ensino. O estudo revela a escassez de pesquisas acadêmicas (dissertações e teses) sobre o tema, o que levanta questionamentos sobre sua relevância e importância. A pesquisa também aborda as implicações do ensino domiciliar, como a falta de socialização das crianças, a falta de preparo dos pais para o papel de educadores em tempo integral e a dificuldade de avaliar o progresso dos estudantes de forma imparcial. Diante desses desafios, é necessário refletir sobre o papel da narração e da experiência nos espaços escolares contemporâneos. A escola desempenha um papel fundamental na formação integral dos indivíduos, na promoção da *Bildung* e na formação de cidadãos críticos e socialmente engajados. A compreensão dos conceitos de experiência e semiformação pode contribuir para a reflexão sobre os desafios atuais da educação brasileira e a resistência ao obscurantismo, buscando uma formação que promova o pensamento crítico, a sensibilidade estética e a diversidade de perspectivas.

Palavras-chave: Experiência, Semiformação, Homeschooling, Obscurantismo

ABSTRACT

The present study aims to analyze homeschooling or home teaching in Brazil with the rise of the extreme right in government, from the perspective of experience and semiformation categories. Based on the reflections of Walter Benjamin and Theodor Adorno, the study seeks to understand the impact of the advancement of homeschooling in the current Brazilian context, considering its implications in the field of education. The methodology used was bibliographical and documentary research, based on the ideas of Benjamin and Adorno. The research starts from Benjamin's understanding of the decay of experience in modernity, when the narrative is replaced by fleeting and superficial experiences. This lack of narrative affects the formation of people and their relationship with the world. In turn, Adorno highlights semi-education as a problem of modern society, characterized by the absence of critical thinking, philosophical reflection and aesthetic sensitivity. In Brazil, homeschooling has been promoted by conservative and ultraliberal groups, who see education as an economic product and promote the privatization and outsourcing of education. The study reveals the scarcity of academic research (dissertations and theses) on the subject, which raises questions about its relevance and importance. The survey also addresses the implications of homeschooling, such as children's lack of socialization, parents' lack of preparation for the role of full-time educators, and the difficulty of assessing student progress impartially. Faced with these challenges, it is necessary to reflect on the role of narration and experience in contemporary school spaces. The school plays a fundamental role in the integral formation of individuals, in the promotion of Bildung and in the formation of critical and socially engaged citizens. Understanding the concepts of experience and semi-education can contribute to reflection on the current challenges of Brazilian education and resistance to obscurantism, seeking training that promotes critical thinking, aesthetic sensitivity and diversity of perspectives.

Keywords: Experience, Semiformation, Homeschooling, Obscurantism

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dissertações e teses com o descritor *homeschooling* AND ensino-domiciliar62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Descritores <i>homeschooling</i> AND ensino-domiciliar	62
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANED	Associação Nacional de Educação Domiciliar
BBB	Bancada Boi, Bala e Bíblia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF	Constituição Federal
DF	Distrito Federal
ESP	Movimento Escola Sem Partido
IES	Instituição de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MBL	Movimento Brasil Livre
MG	Minas Gerais
MP	Medida Provisória
MPL	Movimento do Passe Livre
NOVO	Partido Novo
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PL	Projeto de Lei
PL	Partido Liberal
PP	Partido Progressista
PR	Paraná
PR	Partido Republicano
PRB	Partido Republicano Brasileiro
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
STF	Supremo Tribunal Federal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	NOTAS SOBRE BENJAMIN E ADORNO	17
1.2	NOTAS SOBRE ADORNO	20
1.3	CONFIGURANDO O OBJETO DA PESQUISA.....	24
1.4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ORGANIZAÇÃO DO TEXTO.....	27
2	EXPERIÊNCIA À LUZ DO PENSAMENTO BENJAMINIANO.....	31
2.1	A EXPERIÊNCIA PELA DESTRUIÇÃO	31
2.2	EXPERIÊNCIA: DA SUPERAÇÃO DE KANT À EXPERIÊNCIA REAL DE BAUDELAIRE.....	36
2.3	EXPERIÊNCIA E POBREZA: UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO CULTURAL (<i>BILDUNG</i>)	43
3	HOMESCHOOLING NO BRASIL	50
3.1	JUNHO DE 2013	50
3.2	OBSCURANTISMO ABRAÇA A BALA, A BÍBLIA E O BOI.....	52
3.3	PROJETO DE LEI DO ENSINO DOMICILIAR	56
3.4	PANORAMA DO HOMESCHOOLING NO CAMPO DA PESQUISA BRASILEIRA: TESES E DISSERTAÇÕES	60
4	EXPERIÊNCIA E O HOMESCHOOLING.....	68
4.1	O ULTIMO REDUTO DE FORMAÇÃO (<i>BILDUNG</i>)	69
4.2	DECADÊNCIA DA NARRAÇÃO NOS ESPAÇOS ESCOLARES E DA EXPERIÊNCIA NA VIDA MODERNA.....	76
4.3	HOMESCHOOLING A SERVIÇO DE UMA PEDAGOGIA BURGUESA ...	81
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS.....	90

1 INTRODUÇÃO

A saída de uma banca de conclusão de curso é impactante não só por ser o fim de uma jornada, mas pelo futuro incerto do estudante/pesquisador. As considerações dos avaliadores em minha apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Pedagogia em 2021 levantaram questões que mobilizaram a retomada das discussões, reconhecimento de disputas e estruturas de um movimento político que tentou interferir na condução da educação nacional: o Movimento Escola sem Partido. Como consequência desse movimento, temos como herança o Ensino Domiciliar, mais conhecido como *homeschooling*. Para analisar esse triste legado em um momento tenebroso¹ da história do Brasil, vamos nos servir das reflexões de dois pensadores que viveram/morreram por conta de governos radical-nacionalistas, populistas e totalitários, Walter Benjamin e a categoria da experiência, e Theodor Adorno, no suporte ao conceito de formação (*Bildung*) ou, mais especificamente, semiformação (*Halbbildung*).

Minha trajetória como estudante/pesquisador sempre me aproximou de pensadores que, diretamente ou indiretamente, dedicaram-se a refletir e escrever sobre a formação humana. Ainda na graduação, tive contato com os artigos *Educação após Auschwitz*, de Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno, *A Crise na Educação*, de Hannah Arendt, e a resenha *Livros infantis velhos e esquecidos*, de Walter Benjamin, que discutem aspectos de formação, infância e educação. Esses textos clássicos, parafraseando Calvino (2007, p.15), tratam “d’aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”.

A pesquisa atual, sobre o *homeschooling* no Brasil, a luz da categoria experiência, com suporte na teoria da semiformação, revela-se como uma continuação e, ao mesmo tempo, uma nova investigação, pois os temas, o Movimento Escola sem Partido e o *homeschooling*, se integram e influenciam mutuamente.

Como dito acima, o meu trabalho de conclusão de curso foi sobre o Movimento Escola sem Partido, analisado a partir da pensadora Hannah Arendt,

¹ Este adjetivo é uma tentativa de definir o projeto de educação do governo Bolsonaro e que teve cinco ministros da educação em pouco mais de 3 anos.

tendo como título *A Crise na Educação em Hannah Arendt: Implicações do Movimento Escola sem Partido*. Ainda que nessa pesquisa não tenha dialogado com Walter Benjamin e Adorno, há um ponto convergente de partida: a análise do projeto de educação de um governo que flerta com a extrema direita, com o conservadorismo e com o nazifascismo. Na época, trabalhar com as ideias de Arendt foi importante por ser ela uma pensadora que viveu um dos momentos mais terríveis da história mundial recente, passando pelos infortúnios da perseguição nazista, assim como Benjamin e os membros judeus da Escola de Frankfurt.

Destarte, pensar a atualidade brasileira, a luz desses pensadores, Benjamin e Adorno, nos ajuda a levantar elementos para reflexão sobre algumas questões, tais como: Quais fundamentos ideológicos e econômicos estão por detrás de uma educação domiciliar? Qual é o papel da educação diante do obscurantismo, na atualidade? Como chegamos a essa crise na educação? Qual é a função social da educação e qual o papel da escola numa perspectiva crítica?

Refletir sobre a educação na ótica de Benjamin é algo desafiador, pois na sua produção podemos encontrar vários Benjamins (crítico literário, marxista não ortodoxo, filósofo, modernista, escritor ensaísta) e ainda que sua obra seja apresentada por fragmentos ou inacabada, concentra todo seu legado. Uma obra, como Löwy (2005, p. 14) coloca, “que visa nada menos do que uma nova compreensão da história humana”. Logo, o fio condutor para essa escolha foi o impacto que a modernidade teve em seus escritos e a fuga de uma perseguição do governo totalitário de seu país.

É preciso pensar também em formação quando estamos nesse embate entre Ensino Domiciliar e Ensino Escolar. Segundo Ventura (2020, p. 11), “o *homeschooling* é a condenação da educação à pobreza da vivência no *intèrieur*”, o que pode ser relacionado a Adorno como um aspecto de semiformação (*Halbbildung*). Para Adorno (2010), a fuga dessa formação incompleta para uma formação (*Bildung*) nas escolas que emancipe o sujeito, parte da superação do individualismo e da adaptação, ainda que para ele haja um esvaziamento da emancipação em todas as instituições da sociedade moderna. Ventura (2020) afirma que a escola é um dos últimos redutos da *Erfahrung* na sociedade

contemporânea, assim, parafraseado o autor, a escola é também um dos últimos redutos de uma possível *Bildung* enquanto formação sistematizada.

Com o avanço do *homeschooling* no Brasil, mais conhecido como ensino domiciliar, há uma necessidade da defesa dos espaços escolares, que Ventura (2020, p. 11) lembra como “um dos últimos redutos de sociabilidade que restam”, ou seja, concebe-se a escola como um lugar de experiência no sentido Benjaminiano. E é essa relação entre a categoria experiência (Benjamin) e a *Bildung* (Adorno) dentro dos espaços escolares que nos ajudarão a pensar o quanto o ensino domiciliar é um projeto vinculado ao (neo)liberalismo e ao (neo)conservadorismo.

1.1 NOTAS SOBRE BENJAMIN E ADORNO

Passamos a algumas notas sobre os autores que nos ajudarão a olhar para o objeto de estudo desta pesquisa.

Nascido em Berlim no ano de 1892, Walter Benjamin cresceu em uma família judaica de comerciantes. Filósofo, participou por um período da escola de Frankfurt, e teve uma morte trágica (suicídio) em uma tentativa de fuga de Paris após a ocupação nazista à França.

Walter Benjamin foi um dos colaboradores da convencionalmente chamada Escola de Frankfurt, discutindo os impactos dos movimentos da modernidade na cultura. Na obra de Benjamin, há vários desdobramentos teóricos, sendo os mais influentes os estudos com base no materialismo dialético de Marx. Quando o pensador escreve e tangencia a temática da alienação em sua obra, ele perpassa a discussão do empobrecimento da experiência, da existência humana e da cultura, e isso soma-se à temática da alienação do homem na construção do sujeito social e da história.

Walter Benjamin não escreveu exclusivamente sobre educação, porém ele versou muito sobre crianças e infâncias além das relações destas com as questões da história da cultura e da sociedade. O pensador alemão também produziu escritos que se tornaram referências e que levantam um inédito debate sobre as obras de arte e a sua reprodutibilidade mediada pela tecnologia moderna, assim como uma importante contribuição sobre estudos literários

diversos e filosofia da linguagem. Conforme Ventura (2019), é preciso recorrer os conceitos de pré e pós-história do próprio Benjamin para tentar entendê-lo:

Walter Benjamin tem sua pré e pós-história atravessada pela virada interpretativa do Romantismo alemão, mas que recuam ao barroco e seus apelos hermenêuticos. Como ele mesmo admite no *Curriculum vitae*, a partir do qual se apresenta à academia para postular sua livre-docência, há uma forte influência na sua trajetória do “filósofo de Munique” Moritz Geiger, um dos sistematizadores seminais da fenomenologia [que compunha o círculo de Husserl], com quem também estudou Gadamer; assim como das aulas do linguista Ernst Lewi, que despertaram nele o interesse pela filosofia da linguagem. Não por acaso, esses mestres eram judeus, o que certamente levantou para Benjamin o problema do messianismo onipresente na sua obra. (VENTURA, 2019, p. 65)

O fim da experiência foi um dos eixos temáticos que esteve presente em grande parte da obra de Benjamin. A arte é um campo importante pelo qual circula o pensamento de Benjamin, e é a partir dele que se pode entender a experiência do filósofo alemão, pois é por meio da arte que é possível perceber a ausência da experiência autêntica quando estamos falando em reprodutibilidade.

Assim, nos serviremos do conceito de experiência para tentar entender também a educação, focando a princípio no escrito *Experiência e Pobreza* [1933]. Nesse texto, o autor se volta a explicar o esvaziamento da experiência enquanto resultado do aumento da técnica na modernidade para todos os setores da vida. Para ele, o fim da narrativa corrobora para o fim da experiência, e as vivências, como as dos soldados na primeira guerra, com o silenciamento dos que retornaram, validam a tese de Benjamin.

Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. (BENJAMIN, 2022, p. 86)

Em resumo, Benjamin destaca a importância da experiência em nossas vidas e a sua relação com a arte e a educação. Ele nos alerta para os perigos do esvaziamento da experiência causado pelo avanço da técnica na modernidade e a falta de narrativas que dão sentido às nossas vivências. A citação sobre as experiências desmoralizadas nos mostra que situações extremas podem causar traumas profundos e mudar a forma como vemos o mundo e a nós mesmos. Assim, é fundamental promover uma sociedade mais

equilibrada e justa, onde a experiência seja valorizada e possa ser vivida de forma mais plena e significativa. A obra de Benjamin nos convida a refletir sobre a importância da experiência em nossas vidas e sobre como podemos preservá-la em um mundo cada vez mais tecnológico e complexo.

Em Walter Benjamin, a infância não era pensada de forma linear, mas a concebe como um sujeito social, imensa nas relações e modos de vida dos adultos, o que nos leva ao encontro com reflexões profundas e argutas sobre um pensar a criança no campo da educação.

Benjamin (2009, p. 93-94) faz a defesa de quando pensamos a educação, temos que falar do brinquedo e da brincadeira, mas alerta para pensarmos a infância inserida no contexto da sociedade industrializada. Ela, a produção industrial, coloca no brinquedo toda ação imaginativa que deveria ser originária da criança. Por isso, chama a atenção e aponta para o grave erro que se comete ao se dar tudo pronto a ela. Em nossa vida contemporânea essa prática já está inserida de forma recorrente ao achar que o brinquedo mais estimulante, que vai promover as melhores aprendizagens e processos formativos da criança, reside no brinquedo industrial. Segundo Benjamin (2009, p. 94), o brinquedo é exatamente a materialidade da brincadeira; e a brincadeira quem deve conduzir e enriquecer é a criança, pois é ela que deve expressar sua ação imaginativa pela brincadeira, discussão essa que envidaremos adiante.

É evidente que a ação pedagógica requer intencionalidade clara e definida. Voltada ao contexto da educação infantil, a discussão proposta por Benjamin enfatiza a importância do brincar, reconhecendo a criança como agente ativo e protagonista em suas próprias ações. Ao planejar atividades pedagógicas envolvendo o brincar, é fundamental que os adultos ou educadores responsáveis tenham objetivos bem definidos em mente. No entanto, é igualmente crucial considerar as ações espontâneas da criança durante o brincar, sem a intervenção intencional do adulto. Nesse sentido, é necessário encontrar um equilíbrio entre a abordagem pedagógica orientada pelo adulto e a prática pedagógica que surge da própria criança, garantindo que o planejamento leve em conta tanto as necessidades quanto os seus interesses.

Quando pensamos na criança como um ser social inserido no cotidiano da vida adulta, precisamos considerar o tipo de indivíduo que estamos formando e vamos formar. É importante que a educação oferecida a essa criança vá contra

aquilo que foi proposto pelos representantes da indústria cultural, cujo fim é a alienação e a falta de formação de um indivíduo crítico capaz de se apropriar da cultura e interpretar o mundo ao seu redor. Em outras palavras, é essencial que a educação favoreça o desenvolvimento da consciência crítica da criança, permitindo que ela compreenda a cultura que a cerca e faça uma leitura crítica da realidade.

Entender a criança como ser social e que é participante da vida adulta é um dos legados de Benjamin. A formação de indivíduos críticos, ao ponto de serem capazes de se apropriarem de aspectos culturais, bem como realizar uma leitura do mundo, é o parapeito onde se debruçaram os teóricos que pensaram nos (des)caminhos da indústria cultural, dentre eles Benjamin.

Para concluir essa nota sobre Walter Benjamin, um dos mais influentes pensadores do século XX, é preciso frisar que suas ideias arejaram e produziram importantes contribuições para a compreensão da relação entre cultura, história e sociedade. Em sua obra, desenvolveu o conceito de história como uma sucessão de momentos de crise, em que o presente é interrompido por uma irrupção do passado. Nesse sentido, a passagem – entendida como um fragmento histórico que resiste ao tempo e é capaz de revelar a verdadeira natureza dos eventos – é vista como uma forma de resistência contra o esquecimento e a opressão. Essa visão de história pode ser aplicada à educação, pois na medida em que incentiva o desenvolvimento de uma consciência crítica, é capaz de identificar e questionar os elementos de opressão presentes na cultura e na sociedade. Dessa forma, ao incluir o conceito de história e as passagens em seu pensamento, Benjamin por toda sua obra contribuiu para uma compreensão mais profunda do papel da educação na formação de indivíduos críticos e conscientes na sua relação com o mundo.

1.2 NOTAS SOBRE ADORNO

Theodor Wiesengrund Adorno (1901-1969) foi um filósofo, musicista e teórico da estética. Nasceu na Alemanha na cidade de Frankfurt, foi um dos fundadores da escola de Frankfurt. Judeu, viveu um período de sua vida exilado (1937-1955). Suas principais obras são: *Kierkegaard: A construção do estético*,

A ideia de História Natural, Mínima Moralia, Dialética do Esclarecimento, Dialética Negativa, Teoria Estética.

Pensar a Educação após Auschwitz é um exercício que exige um imenso ato reflexivo, e coube a Adorno tentar de maneira crítica uma análise sobre este processo, que foi um momento de desumanização do mundo, juntamente com o avanço da barbárie. Adorno (2021a, p.129) parte de uma premissa ou mesmo uma exigência: “que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação”; logo em seguida, nos alerta que esse fato histórico mereceu pouca atenção e é algo que ele mesmo não consegue entender.

Também é importante rememorar que em uma conferência intitulada “O que significa o Passado”, Adorno (2021b) debateu sobre como a democracia deveria ser pensada após a experiência do totalitarismo causado pelo nazismo. De certa forma, há uma aproximação e preocupação por parte do pensador de ambos os temas, a educação e a democracia após o terror vivido no século XX.

Outra constatação para o pensador era que debates e metas dentro do âmbito educacional tinham que partir da máxima “que Auschwitz não se repita”; partia da ideia de que o retorno do totalitarismo alemão não era uma ameaça, afirmando que Auschwitz foi a regressão, a barbárie, e se a base da civilização estava imersa na barbárie, desesperador era se opor a uma teoria como essa; também não era uma questão de quantificar o número de mortos e sim os motivos porque foram mortos; assim ele conclui que o imperativo reinava como tendência social pelo fatídico ocorrido; e não só isso, também tinha apontado para motivos que poderia se repetir:

Além disso não podemos evitar ponderações no sentido de que a invenção da bomba atômica, capaz de matar centenas de milhares literalmente de um só golpe, insere-se no mesmo nexos histórico que o genocídio. [...] Como hoje em dia é extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo. (ADORNO, 2021a, p. 131)

Uma outra análise sobre Auschwitz parte do processo de desumanização dos “perseguidores” e “assassinos”, e da importância de se estudar as raízes deles e não as das vítimas; ao mesmo tempo, afirma que “os culpados não são os assassinados, nem mesmo naquele sentido caricato e sofista que ainda hoje seria do agrado de alguns” (ADORNO, 2021a, p.131).

No âmbito da primeira infância, Adorno tratava a educação como algo primordial na formação do homem e que teriam reflexos na vida adulta; tais reflexos seriam tanto positivos quanto negativos.

A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica. Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância. (ADORNO, 2021a, p. 132)

Adorno (2021a, p. 133) em momento algum na sua análise teve a pretensão de "esboçar o projeto de uma educação", mas afirmou que quando se falava em educação após Auschwitz, se referia principalmente a primeira infância, ou seja, a educação infantil, onde o processo formativo combativo do fascismo deve iniciar.

A repetição de Auschwitz ou mesmo o retorno do fascismo ou não, não se trata de um problema psicológico, e sim social, pois mesmo quando as autoridades do fascismo sucumbiram, as pessoas tinham dificuldades para o que Adorno chamou de autodeterminação. A falta de autonomia, segundo a fórmula kantiana, resultou em uma heteronímia na Alemanha, mesmo depois da queda do terceiro Reich, e tudo isso decorrente da subtração do superego. Para Adorno, os coletivos são "talhados para manipular" as massas, e tudo está relacionado com o conceito de autoridade e modos de agir. Em Auschwitz estava instaurada a visão cega de um coletivo, e se opor a Auschwitz significaria combater a cegueira de todos os coletivos.

Uma lição deixada por Auschwitz é o reflexo da severidade na educação tradicional, baseada na força e disciplina, o que para a Adorno é um equívoco.

Tudo isso tem a ver com um pretenso ideal que desempenha um papel relevante na educação tradicional em geral: a severidade. Esta pode até mesmo remeter a uma afirmativa de Nietzsche, por mais humilhante que seja e embora ele na verdade pensasse em outra coisa. Lembro que durante o processo sobre Auschwitz, em um de seus acessos, o terrível Boger culminou num elogio à educação baseada na força e voltada à disciplina. Ela seria necessária para constituir o tipo de homem que lhe parecia adequado. Essa ideia educacional da severidade, em que irrefletidamente muitos podem até 5 of 8 acreditar, é totalmente equivocada. (...) Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir. Tanto é necessário tornar consciente esse mecanismo quanto se impõe a promoção de uma educação que não premia a dor e a capacidade de suportá-la, como acontecia antigamente. Dito de outro

modo: a educação precisa levar a sério o que já de há muito é do conhecimento da filosofia: que o medo não deve ser reprimido. Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade exige, então justamente por essa via desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente e reprimido. (ADORNO, 2021a, p. 139-140)

Todo esse processo de Auschwitz passa pelo caráter manipulador do homem e resulta na transformação da consciência coisificada, quando pessoas se tornam meras coisas, e logo transformam os iguais em coisas; essa perda de consciência é visto como um dado imutável e costumeiramente naturalizado, segundo Adorno, e para ele seria recompensador o rompimento com essa "naturalidade".

Um outro reflexo da severidade somado a coisificação das/nas pessoas pode ser analisado com o crescimento do sadismo nos grandes centros. Essa tendência de regressão para Adorno mereceria um estudo mais profundo, como na tentativa com Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*. No esporte, ele nos explica a dicotomia existente: se por um viés pode haver o respeito e cavalheirismo aos adversários, por outro, há um alto grau de competitividade, com agressões promovidas dentro e fora do "campo".

Um dos alertas que este artigo de Adorno pode nos deixar é que para que outra barbárie não aconteça novamente, é preciso que as pessoas tenham ato reflexivo, para que as mesmas não sejam manipuladas pelas autoridades ou coletivos, e através da educação podemos fazer essa reflexão, primeiramente dando a devida importância para o que foi Auschwitz e, segundo, fazer com as crianças saiam ou não entrem neste estado coisificado da sociedade atual. Essas e outras ideias vão auxiliar na fundamentação a respeito da constituição da *Bildung* a partir da formação escolar.

Pensando ainda no nosso referencial teórico, temos Benjamin como um autor cujos estudos estavam voltados para o impacto dos movimentos culturais da modernidade e da mercadoria, enquanto fantasmagoria do capitalismo. Esses estudos nos ajudam a compreender o fenômeno do *homeschooling* no contexto do capitalismo rentista atual e suas entradas na educação brasileira pelas reformas neoliberais das últimas décadas.

A partir de Benjamin, compreende-se a criança como ser social que está inserida no cotidiano da vida adulta, pois como ele disse, a criança não é nenhum Robinson que vive isolada. A educação geral, nesse sentido, vai de encontro à

educação doméstica, já que esta permanece restrita e alienada do conjunto das relações sociais, prejudicando sua leitura de mundo. Entender a criança como ser social e participante da vida adulta é um dos legados de Benjamin.

1.3 CONFIGURANDO O OBJETO DA PESQUISA

A formação de indivíduos críticos, capazes de apropriação de aspectos culturais e realização de uma leitura crítica do mundo, é o ponto de contato dos teóricos escolhidos, Benjamin e Adorno, que pensaram caminhos de ruptura que levaram ao ocaso dos totalitarismos do século XX, mas que espreitam o século XXI e tendem a lançar a educação brasileira atual em um caos obscurantista.

Para entender a relação do obscurantismo com a educação, no Brasil, é necessário recorrer ao papel que é atribuído à educação pela Constituição de 1988. Segundo Cara (2019, 27), apesar “de a Constituição Federal de 1988 não apresentar uma concepção objetiva de educação, ela oferece um caminho para a resposta [...] a educação visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Cara (2019) deduz que ao contrário do que prega a Constituição de 1988, as políticas públicas para a educação no Brasil percorrem outros caminhos, pois há forças hegemônicas que reduzem a educação a um produto econômico e de disputas ideológicas, tudo isso como resultante de ações dos grupos ultraliberais e dos ultrarreacionários.

O obscurantismo é a tônica desses dois grupos. Nos ultraliberais se concentra o viés econômico da engrenagem. As ações desse grupo são sempre no sentido de entender a educação como produto econômico, por isso tem como projeto alijar a educação do Estado com propostas de privatizações, terceirizações, redução no investimento, entre outros. Já entre o grupo dos ultrarreacionários estão os grupos conservadores, juntamente com políticos que comungam de uma visão de direita radical. Por vezes, esse grupo é chamado de “BBB” com referências à bíblia, à bala e ao boi (agronegócio). Para esse grupo, a disputa no campo educacional se dá por controle ideológico, alegando que nas escolas há uma doutrinação em massa das crianças e, por esse motivo, é

necessário controlar esse território. Atualmente, esses grupos são financiados pelo que o sociólogo Jessé Souza (2019) chamou de “elite do atraso”.

Recentemente entrou no cenário educacional o debate em torno das ações de uma organização que tem como objetivo combater e denunciar os professores que utilizam a educação, segundo os conservadores, para fins políticos e partidários. Trata-se do Movimento Escola Sem Partido – ESP, que teve sua origem no ano de 2004. Preocupado com a “contaminação” ideológica de sua filha na escola, o então advogado Miguel Nagib iniciou seu combate contra os “doutrinadores” educacionais. O principal suporte do movimento foi a criação de um site², com estrutura de portal. Nele, são expostas as principais ideias e objetivos do movimento. O portal também funciona como um repositório de denúncias contra professores “doutrinadores”. Tais ações repressoras e denunciastas tornam o aluno e a família uma espécie de vigilantes, o que está incorporado nos Projetos de Leis propostos pelo ESP. O site do ESP afirma, contraditoriamente, que “não defende e não promove nenhum tópico da agenda liberal, conservadora ou tradicionalista” (ESP, 2014, n.p.), ou seja, a organização do advogado Miguel Nagib não se posiciona politicamente, porém diz “que é a esquerda a única responsável pela instrumentalização do ensino para fins políticos e ideológicos”, o que certamente está em contradição com o discurso veiculado.

O que é certo e podemos afirmar sobre o Movimento Escola Sem Partido é que foi “abraçado” tanto por conservadores como por liberais, cujo objetivo, pelo menos apontado por Miguel Nagib, é de tirar a esquerda da escola, assim como foi promessa do plano de governo Bolsonaro (2018, p. 46), “expurgando a ideologia de Paulo Freire”.

² Mesmo após o anúncio do fim das atividades, o site do movimento continua ativo, e recentemente em outubro de 2019 foi reformulado e continua recebendo denúncias de doutrinação nas escolas e universidades. A Frente Parlamentar Evangélica, desde o início da sua criação, já se mostrou identificada com os ideários do movimento de Miguel Nagib. Recentemente, em um documento intitulado “O Brasil para os Brasileiros”, a Frente deixou explícito o seu desejo e alinhamento ao Eixo IV do ESP, que cita a “escola sem ideologia e escola sem partido”. Já os liberais, tanto os políticos que em Brasília trabalham, quanto os portais de conteúdos como Instituto Millenium (inclusive com contribuições de Miguel Nagib) e o Instituto Liberal, apoiam o Movimento Escola Sem Partido, basta ver nesse artigo, “O Brasil para os Brasileiros”, a relação dos deputados e senadores (ver nota 9, p.12) que tentam aprovar projetos baseados no Anteprojeto do próprio movimento. Outras fontes são os artigos desses sites citados (disponível em <<https://bit.ly/32mNm2j>> acesso em 25 jul 2022); (disponível em <<https://bit.ly/2WXMjEW>> acesso em 25 jul 2022)

Os principais projetos em andamento do ESP são de partidos mais diversos, tais como: PSDB, PSL, NOVO, PRB entre outros. Em âmbito federal, temos o projeto de lei PL 867/2015, do Deputado Federal Izalci - PSDB/DF; também temos em âmbito estadual alguns projetos, como no Rio Grande do Sul, do então Deputado Estadual Marcel van Hattem – NOVO; no Rio de Janeiro, do então Deputado Estadual Eduardo Bolsonaro – PSL; em São Paulo, do Deputado Estadual José Bittencourt – PRB, dentre outros encontrados no site do Movimento Escola Sem Partido.

O fato de os liberais no Brasil optarem, às vezes, em atuar pela liberdade somente no campo econômico é o que torna a união com os conservadores possível. Em nosso país há uma união entre conservadores e liberais que não é comum em outros países, como por exemplo, nos Estados Unidos.

Outro aspecto que mexe com a questão da moral cristã é a chamada “ideologia de gênero” supostamente ensinada nas escolas; isso fez com se somassem à luta do ESP tanto evangélicos quanto católicos conservadores. No próprio site do ESP há uma carta escrita pelo Bispo de Belém aos pais católicos apoiando o movimento.

As motivações para que liberais e conservadores estejam do mesmo lado se aproximam em alguns aspectos e separam em outros; se por um lado os que pregam o livre mercado querem a expurgação de professores “comunistas”, do outro estão os conservadores querendo a prerrogativa para a educação sexual e religiosa de seus filhos em seus lares e não na escola.

Com o fatídico fracasso do ESP como promessa de Governo³, há uma intensificação de ações que visam estabelecer o ensino domiciliar no Brasil, abrindo outra frente conservadora para a educação. Em setembro de 2009, o Supremo Tribunal Federal julgou a inconstitucionalidade de uma ação que visava a legalização do ensino domiciliar. O ministro Luís Roberto Barroso foi um dos que votou pela admissibilidade da ação, afirmando o seguinte:

De acordo com a Constituição, família é uma das partes fundamentais na educação ao lado do estado. Entretanto, o fato de a CF deixar claro que é dever do estado, não significa que ele não possa ser

³ Aos 100 dias de governo o Ministro da casa Civil, Onyx Lorenzoni, anunciou 35 metas para a gestão do presidente Jair Bolsonaro, dentre elas está a meta 22 que diz o seguinte: “Regulamentar o direito à educação domiciliar, reconhecido pelo STF, por meio de Medida Provisória, beneficiando 31 mil famílias que se utilizam desse modo de aprendizagem”. Disponível em < <http://gg.gg/11vrjf> > acesso em 25 jul 2022)

regulamentado [...] A ideia é garantir o desenvolvimento acadêmico e avaliar a qualidade o ensino até que seja editada medida [...] Em caso de comprovada deficiência no desempenho, cabe aos órgãos públicos notificarem os pais e se não houver melhoria, determinar a matrícula na rede regular de ensino. (COELHO, 2018)

Após essa decisão, membros do governo e aliados, principalmente impulsionados pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, sob a direção da Ministra Damares, criaram um Projeto de Lei⁴ para que a constituição fosse modificada, autorizando assim o Ensino Domiciliar no Brasil. E esse se constitui como objeto de estudo desta pesquisa.

Uma vez que o contexto geral da educação brasileira atual tenha sido minimamente delineado, a questão de pesquisa está ancorada na seguinte pergunta: Como o avanço do *homeschooling* no Brasil entrelaça a categoria de experiência e, portanto, de formação (*Bildung*), à luz das ideias de Benjamin e Adorno?

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

Muito se discute sobre a atual crise da educação brasileira e esta tem relação com alguns dos atuais projetos do governo Bolsonaro, tanto os já implementados quando os que estão em curso. Dentre esses projetos, temos a PEC 55 (que congelou os gastos públicos por 20 anos), a nova Lei do ensino Médio (que tem uma preocupação com o mercado de trabalho em detrimento do ensino) e a reforma trabalhista; tramitando, também temos a reforma da previdência, privatizações de estatais (Correios, Eletrobrás entre outras), o projeto de lei da escola sem partido e o Ensino Domiciliar, já aprovado na Câmara dos Deputados.

Este último é um projeto de lei que versa sobre o Ensino Domiciliar (*Homeschooling*), contra uma suposta doutrinação nas escolas e pelo direito de os pais educarem seus filhos. A respeito desse projeto, há um debate intenso sobre o papel do professor, a socialização dos alunos em espaços escolares, a capacidade (formação) dos pais educarem seus filhos e a política na escola.

⁴ O Projeto de Lei do Deputado Federal Lincoln Portela (PL/MG) foi aprovado no dia 18 de maio de 2022 na Câmara dos Deputados e no momento da escrita desse texto está a caminho do Senado.

Esse PL, impulsionado pelo Escola sem Partido, evangélicos e conservadores, todos alinhados à extrema direita, é o pano de fundo do fenômeno contemporâneo que marca a educação brasileira: o obscurantismo.

Para essa pesquisa, foi executado o levantamento de produções no Brasil, no do Banco de teses & Dissertações CAPES, que versam sobre o ensino domiciliar. Esse levantamento nos revelou que ainda carecemos de pesquisas sobre essa temática, pois com o descritor “Ensino Domiciliar” encontramos apenas 12 trabalhos no recorte dos últimos dez anos. O levantamento no campo do Ensino Domiciliar (*homeschooling*) no Banco de teses & Dissertações CAPES será apresentado com maior profundidade nos capítulos seguintes.

A metodologia utilizada será a análise bibliográfica sobre o tema, baseado nas contribuições de Benjamin e Adorno, com destaque para as obras *Experiência e Pobreza* (1933) e *O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov* (1936), ambas do Benjamin, e *A teoria da Semiformação* (1972), um importante ensaio de Adorno, além de reflexões e palestras deste autor reunidas na obra *Educação e Emancipação*. No que tange ao Ensino Domiciliar, notamos que há uma carência de material acadêmico disponível, conforme demonstra o levantamento. Também importa afirmar que, sobre eles, não nos deteremos em analisar materiais listados, apenas os fundamentos dos projetos de leis que versam sobre. A intenção aqui, portanto, não é uma análise jurídica desses documentos, mas entender como a intencionalidade do projeto perpassa os conceitos de experiência e semiformação.

Assim, a pesquisa procura articular as categorias de experiência e semiformação para analisar o avanço do *homeschooling* no Brasil.

Ainda sobre a análise bibliográfica, conforme Severino (2014):

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2014, p. 76).

Outro procedimento metodológico é a adoção da pesquisa documental, com o objetivo maior e principal de construir um mapeamento, apontando os

principais projetos de leis que versam sobre o *homeschooling* e assim contribuir para uma compreensão dialética do fenômeno.

No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. (SEVERINO, 2014, p. 76).

Para Benjamin, em nosso entendimento, a educação tem como objetivo conhecer e reconhecer a humanidade em nós mesmo, assim como nos outros. Benjamin identifica o esvaziamento das narrativas, refletindo sobre a perda da experiência na vida moderna e o progressivo avanço da vida privada e individualista das grandes cidades.

As reflexões, tanto de Benjamin quanto de Adorno, mesmo partindo de horizontes diferentes, têm em comum a pedra de toque de que a educação é uma das maneiras de se dizer não à barbárie e, de certa forma, salvaguardar a democracia e os valores humanos.

As crises políticas, de formação e de experiência, analisadas pelos autores citados fazem com que reflitamos sobre os avanços do obscurantismo latente dos dias atuais, no Brasil, compreendendo o fenômeno do *homeschooling* como parte integrante deste movimento.

Levando em conta os recortes das contribuições dos autores citados, a dissertação apresenta a seguinte estrutura:

Capítulo 1: No primeiro capítulo, vamos aprofundar a categoria de experiência sob a ótica de Benjamin. Passaremos pelos conceitos de destruição (*Destruktion*), vivência (*Erlebenis*) e experiência (*Erfahrung*), fundamentados nos textos já citados de Benjamin. Por último, vamos refletir sobre os impactos na formação da pobreza das experiências ocasionados pela modernidade.

Capítulo 2: Apresentaremos o obscurantismo no Brasil e suas ramificações. O *homeschooling* e sua origem no Brasil segundo as fontes documentais disponíveis. Apresentaremos os PL's – Projetos de Leis – que versam sobre o ensino domiciliar de forma atualizada com o momento da escrita. Por último, será feito um levantamento da produção científica no Brasil nos últimos dez anos sobre o *homeschooling*.

Capítulo 3: Nesse capítulo, vamos refletir sobre as possibilidades e limitações do espaço escolar enquanto locus de formação instituído pela modernidade. A ideia é analisar esse lugar como possibilidade de experiência e, ao mesmo tempo, antagônico ao ensino domiciliar.

Capítulo 4: No último capítulo abordamos as relações entre o *homeschooling* e a perda da experiência, identificando a escola como um dos últimos redutos sociais para cultivo de narrativas e comunicabilidade da experiência.

2 EXPERIÊNCIA À LUZ DO PENSAMENTO BENJAMINIANO

A questão principal do texto a seguir é sobre a relevância de se estudar Benjamin atualmente.

Walter Benjamin foi um dos pensadores mais importantes do século XX e sua obra continua relevante até hoje. Há várias razões pelas quais vale a pena ler/estudar Benjamin, das quais poderíamos enumerar algumas: a) Benjamin era um crítico cultural e social que se dedicou a analisar a modernidade e suas contradições. Suas reflexões sobre a cultura, a arte, a história e a política são profundas e ainda são relevantes para entendermos o mundo em que vivemos; b) Benjamin foi um dos primeiros a se preocupar com a reprodução em massa da arte e da cultura e a refletir sobre como isso afeta sua autenticidade e valor. Suas ideias sobre a aura da obra de arte e a perda da experiência são cada vez mais pertinentes em uma era em que a cultura é cada vez mais digital e acessível a todos; c) A obra de Benjamin é multidisciplinar e abrange campos como a filosofia, a literatura, a história, a arte e a política. Ler Benjamin é uma oportunidade de ampliar nossos horizontes e enriquecer nosso repertório cultural; d) Benjamin foi um crítico ferrenho do capitalismo e de suas consequências sociais; suas reflexões sobre a relação entre cultura, tecnologia e poder ainda são fundamentais para entendermos a dinâmica do mundo contemporâneo; e) Por fim, a leitura de Benjamin pode ajudar a repensar nossas próprias práticas culturais e políticas, além de nos inspirar a buscar novas formas de resistência e transformação social.

2.1 A EXPERIÊNCIA PELA DESTRUIÇÃO

Segundo Andrew Benjamin e Osborne (1997, p.11), é necessário ter cuidado ao mencionar Benjamin como “o filósofo”, já que isso implica necessariamente uma afirmação disciplinar. Ainda segundo os comentadores:

Se Adorno nos ilude ao defender que Benjamin 'escolheu permanecer completamente fora da tradição manifesta da filosofia', acerta ao insistir na distância que separa o pensamento de Benjamin da filosofia em sua forma institucionalizada, acadêmica. Nesse sentido, a filosofia de Benjamin é sem dúvida uma filosofia de Heidegger, pode-se dizer que esse tipo de filosofia 'antifilosófica' constitui a corrente central da tradição pós-hegeliana. A obra de Benjamin situa-se fora dos parâmetros de uma 'filosofia' institucionalizada, mas nem por isso deve ser procurada em suas margens. (BENJAMIN e OSBORNE, 1997, p. 11)

A filosofia anteriormente ocupava um espaço distinto, típico da era moderna, onde a reflexão histórica e filosófica se unia à prática do pensamento crítico. Grande parte da obra de Benjamin consiste em críticas, no entanto, isso não significa que seus escritos tenham perdido o caráter filosófico.

Podemos dizer que um dos principais conceitos do Benjamin filósofo é a experiência. Com a intenção de criar uma filosofia que fosse ampla e tangenciasse a experiência como um todo, teceu críticas ao pensamento Kantiano e realizou um “mergulho” no que chamou de “experiência da verdade”.

A filosofia moderna, como outrora aconteceu com a filosofia kantiana, deve definir-se como uma ciência que busca seus próprios princípios constitutivos. A grande correção a se fazer na experiência matemático-mecânica unilateral, só pode ser feita através da referência do conhecimento à linguagem, como Hamann já tentou em tempos de Kant. [...] Tal filosofia se constituiria a partir de sua componentes gerais, por si em teologia, ou presidiriam tal teologia em caso de conter elementos histórico-filosóficos. A experiência é a pluralidade unitária e contínua do saber (BENJAMIN, 1960, p. 16, tradução nossa)

Assim, Benjamin se afastou da filosofia neokantiana predominante em sua época e decidiu associar seu trabalho à literatura, sobretudo devido à grande amplitude de sua ambição de crítico literário. Nessa época, a filosofia institucionalizada havia deixado de reivindicar sua tradição em sua totalidade, convertendo-se em filosofia acadêmica. No entanto, Benjamin optou por permanecer fiel a essa tradição ao rejeitar sua forma institucional e ao filosofar "diretamente" a partir dos objetos da experiência cultural. Segundo Benjamin, (1984, p. 204) o “[...] objetivo da crítica filosófica é o de demonstrar que a função da forma artística é a de transformar em conteúdos de verdade filosóficos os conteúdos materiais históricos presentes em toda a obra significativa”. Desta forma, não apenas não negligenciava às suas inquietações filosóficas, mas as alimentava com interesses pela literatura e, posteriormente, por uma ampla gama de outras formas culturais, usando-as como meios de exploração.

Benjamin inicialmente buscou nas obras de arte a forma consumada de totalidade que considerava necessária para que a experiência fosse verdadeira. Posteriormente, passou a considerar a história como um todo redentor como a totalidade em relação à qual a experiência vivida (*Erlebnis*) poderia ser experimentada como verdade. Em ambos os períodos, a ideia de destruição (*Destruktion*) desempenhou um papel central como condição de possibilidade para uma experiência (*Erfahrung*) filosófica e forte da verdade.

Assim pode ser considerada a função da destruição em Benjamin, segundo Andrew Benjamin e Osborne (1997, p. 12):

[...] destruição sempre significou a destruição de alguma forma falsa ou enganosa de experiência como condição produtiva para a construção de uma nova relação com o objeto. Assim, na Origem do Drama Barroco alemão, ele considera que a alegoria destrói a totalidade ilusória do símbolo, arrancando-o do contexto e inserido-o em novas configurações de significados, transparentemente construídas. A descrição da política como uma parte da natureza (a vontade do conspirador) destrói o 'ethos histórico'. Da mesma forma, considera que a fotografia destrói a aura do objeto, abrindo possibilidade de um conhecimento radicalmente novo (o inconsciente óptico).

Benjamin argumenta em sua obra que a montagem tem o poder de interromper a continuidade narrativa, criando espaço para uma nova construção da história. Ao mesmo tempo, o presente é capaz de destruir a noção de progresso histórico, substituindo-a pelo paradigma apocalíptico da catástrofe e da redenção. É essa dimensão destrutiva que permite a autenticidade do pensamento dialético, sendo o caráter destrutivo a própria consciência do homem histórico.

A compreensão de Benjamin sobre a temporalidade do presente como o momento da destruição é crucial para todos esses casos. Sua teoria da experiência se conecta com sua filosofia da história por meio de seu interesse pelo tempo. Benjamin está interessado, acima de tudo, no presente como o local da experiência histórica. Nesse sentido, sua obra é, de forma original, uma versão do que Habermas (1990) chamou de "discurso filosófico da modernidade".

Toda a obra de Walter Benjamin é, de certa forma, um discurso filosófico que incide na modernidade, sob a forma de uma filosofia do tempo histórico. A questão que fica é se o que a obra dele enfrenta é o caráter do presente. Sobre

isso, entende que o presente não é apenas um momento no fluxo do tempo, mas também é um momento em que passado e presente se encontram. Ele sustenta que o presente é construído através da destruição e reconstituição da tradição, o que significa que o presente é moldado pela maneira como o passado é interpretado ou mesmo reapropriado no momento presente. De acordo com as teses V e VI sobre o *Conceito da História*, de Benjamin (2022), a temporalidade da história é repensada sob a pressão da concepção do presente, o que faz com que essa reinterpretação passe a definir filosoficamente o momento atual. Em outras palavras, a forma como entendemos e reinterpretemos o passado tem um impacto direto na forma como vivemos e entendemos o presente.

É uma forma complicada e destoante de toda sua obra separar os escritos de Benjamin da juventude e maturidade, mesmo considerando sua inclinação ao marxismo na última década de vida. Essa primeira parte do texto em que tratamos o conceito de destruição tem uma fundamentação em duas obras de 1917 e 1925, respectivamente *Sobre el programa de la filosofía futura y otros ensayos* e *A Origem do Drama Trágico Alemão*. Anos mais tarde e com um pensamento diferente daquilo que destrói (forma falsa ou enganosa de experiência), Benjamin escreve em 1931 *O caráter Destrutivo*.

Nessa última obra, Walter Benjamin explora a natureza e as características do que ele chama de "caráter destrutivo". Benjamin descreve esse caráter como aquele que busca criar espaço e esvaziar, tendo uma necessidade maior de ar puro e espaço livre do que qualquer sentimento de ódio, assim o "caráter destrutivo só conhece um lema: criar espaço; apenas uma atividade: esvaziar. A sua necessidade de ar puro e espaço livre é maior do que qualquer ódio" (BENJAMIN, 2014, p. 97). O caráter destrutivo é descrito como jovem e alegre, pois a destruição rejuvenesce e alegre, pois representa uma redução total e uma mudança radical da situação atual. Benjamin destaca que a destruição simplifica o mundo e proporciona uma sensação de harmonia profunda ao destruidor. O caráter destrutivo está sempre disposto a trabalhar, seguindo o ritmo da natureza e antecipando-se a ela, pois, do contrário, a própria natureza levará a cabo a destruição. Por isso, enfatiza que o caráter destrutivo não tem ideais e poucas necessidades, não se importando com o que ocupará o lugar da coisa destruída, pois, por algum tempo, o espaço vazio e a ausência da coisa têm um valor próprio. O destruidor evita o trabalho criativo e busca estar

cercado por testemunhas de sua eficácia, diferentemente do criador que busca solidão.

Benjamin (2004) ressalta que o caráter destrutivo não está interessado em ser compreendido e considera os esforços nesse sentido como superficiais. A incompreensão não o afeta, pelo contrário, ele a provoca. O caráter destrutivo é visto como o inimigo do "homem-estojo", que busca conforto e protege sua concha, deixando rastros de sua presença no mundo. O destrutivo apaga até mesmo os vestígios da destruição.

No contexto histórico, Benjamin coloca o caráter destrutivo como alinhado aos tradicionalistas, sendo alguns responsáveis por transmitir as coisas tornando-as intocáveis e conservando-as, enquanto outros lidam com as situações tornando-as gerenciáveis e liquidando-as. O caráter destrutivo é descrito como aquele que possui a consciência do homem histórico, marcado pela desconfiança na marcha das coisas e a disposição de reconhecer que as coisas podem dar errado a qualquer momento. Benjamin (2004) sugere que o caráter destrutivo é a imagem viva da confiabilidade. Assim, o caráter destrutivo é retratado como aquele que não enxerga nada duradouro, mas vê caminhos por toda parte. Ele está sempre na encruzilhada, nunca sabendo o que o próximo momento trará. Sua função é converter em ruínas tudo o que existe, não pelas próprias ruínas, mas pelo caminho que atravessa. O caráter destrutivo não vive o sentimento de que a vida é digna de ser vivida, mas também não vê o suicídio como uma alternativa compensadora.

Em que pese as ambiguidades e hermetismo deste texto, pode-se inferir que Benjamin evoca a todo o tempo a morte e a ressurreição como motivos de experiência. Ao passo que destrói tudo em seu caminho, aponta diversas possibilidades de itinerários, saturando tudo de tensões. Essa parece ser a intensidade do caráter destrutivo na medida em que reduz tudo a ruínas para erigir não se sabe exatamente o quê. Isso porque experiências autênticas requerem rupturas com um certo *continuum* da vida e do curso das coisas, como se um inevitável progresso nos fosse legado pela natureza. Embora a própria natureza a tudo destrua, como pontuou Benjamin, o caráter destrutivo é essa força apolínea que nos movimenta na realização do futuro e na puxada do freio de mão de uma história pré-configurada.

Talvez fosse possível inferir pelo “homem-concha” que Benjamin identifica o homem burguês, preso à solidão das contas, do lucro e do interior. É preciso, então, emersão do caráter destrutivo para quebrar a concha, arejar as vivências, quebrando o ritmo do enclausuramento, onde reiteradamente amontoamos marcas, assinaturas e objetos rubricados no interior burguês. Pois se “O interior da concha é o rasto revestido a veludo que ele deixou no mundo. O caráter destrutivo apaga até os vestígios da destruição.” (BENJAMIN, 2014, p. 99)

Até onde podemos captar dessas ideias herméticas de Benjamin, a verdadeira experiência é, sobretudo, destruição. Isso pelas aberturas que provoca, como no caso da abertura do inconsciente ótico pela experiência da obra de arte diante de sua reprodutibilidade técnica, no caso da desocultação das fantasmagorias do capitalismo na Paris do século XIX ou no caso do desafio de emersão de memórias involuntárias criativas como as de Proust.

2.2 EXPERIÊNCIA: DA SUPERAÇÃO DE KANT À EXPERIÊNCIA REAL DE BAUDELAIRE

Benjamin, em um de seus primeiros textos, "*Sobre el programa de la filosofía futura y otros ensayos*" (1960), elaborou sua primeira teoria da experiência, a partir da filosofia de Kant. Ele criticou a abordagem de Kant por conceber a experiência em relação à realidade imediata e à ciência, considerando que isso limitava a compreensão da experiência em sua totalidade. Em vez disso, Benjamin propôs que a experiência deveria incluir aspectos não tangíveis, mas reais, como arte e religião. Habermas afirmou que Benjamin estava protestando contra a redução da experiência à experimentação de objetos físicos, que para Kant era o paradigma para a análise das condições da experiência possível (HABERMAS, 1984, p. 314, tradução nossa).

Benjamin protestou então contra ‘uma experiência reduzida, por assim dizer, ao ponto zero, ao mínimo de sentido’, ou seja, contra a experiência objetos físicos que constituíram para Kant o paradigma segundo o qual ele guiou sua tentativa de analisar o condições de experiência possível. Diante dessa experiência Benjamin defende as formas de experiência, mais complexas, dos povos primitivos e dos loucos, dos visionários e dos artistas. Naquela época, ele ainda esperava que a metafísica restabelecesse sistematicamente um continuum de experiência.

Uma das possíveis interpretações de Benjamin tem como objetivo ampliar o sentido da experiência. É possível considerar que a crítica em questão venha a enriquecer e expandir a filosofia experiencial kantiana, ao mesmo tempo em que permite a continuidade da possibilidade de metafísica crítica. Para que a filosofia possa criar uma visão sistemática da realidade, que leve em conta tanto o passado quanto o presente, é fundamental entender que algumas verdades metafísicas não são acessíveis à modernidade pela sua própria constituição. A teoria do conhecimento, por si só, não consegue abordar esse campo da pesquisa metafísica, visto que está na dependência da aplicação do método científico proveniente das ciências naturais. Assim, Benjamin (1986) argumenta que é preciso ir além da redução kantiana da experiência apenas como uma experiência científica ou percepção gnosiológica. Apesar de Kant ter estabelecido uma filosofia universal para fundamentar a experiência, incluindo seu conceito de liberdade relacionado ao conceito de experiência, não conseguiu integrá-la em uma teoria do conhecimento unificada, mantendo-se preso ao empirismo. Benjamin argumenta que, embora Kant e os neokantianos tenham progredido na superação do conhecimento em termos da relação sujeito-objeto e na transcendência da experiência baseada na consciência empírica imediata, não foram radicais o suficiente em suas abordagens. Embora tenham ultrapassado a limitada relação natureza-objeto como origem das impressões, ainda acreditavam que a consciência tinha objetos diante de si para serem constituídos e representados na “razão”. De acordo com Benjamin (1986), essa abordagem revela uma metafísica rudimentar, fundamentada em uma teoria limitada do conhecimento.

A virada radical de Benjamin decorre da percepção de que não é possível estabelecer uma conexão direta entre a consciência empírica e o conceito objetivo da experiência. Neste plano, argumenta que a experiência autêntica é baseada em uma consciência transcendental cognitivo-conceitual, o que significa que a experiência se desenvolve a partir da estrutura cognitiva e vai além do simples conhecimento direto da natureza. Por isso, Benjamin (1986) discorda de Kant quanto à afirmação de que as condições do conhecimento verificável são as mesmas condições da experiência. Para ele, nem a experiência nem o conhecimento podem ser deduzidos unicamente da consciência empírica. Entretanto, o objetivo de Benjamin não é apresentar uma

teoria conclusiva que confronte diretamente a teoria kantiana do conhecimento, mas sim discutir um programa de pesquisa que conserve a proposta kantiana e que permita uma ordem categórica que possa explicar uma experiência que não seja meramente mecânica. Nos textos futuros como “O narrador” e “Experiência e pobreza”, desenvolveria uma estrutura filosófico-conceitual da experiência.

Para alcançar esse objetivo, Benjamin (1986) propõe uma dialética específica que, ao lidar com dois conceitos antitéticos, não conduz necessariamente a uma síntese, mas sim a uma certa não-síntese⁵. Benjamin almeja criar um sistema de categorias que englobe o tratamento de diversas ordens e conceitos em sua variedade, incluindo campos do conhecimento como arte, história e direito, que devem ser abordados com uma intensidade diferente daquela estabelecida por Kant em sua doutrina das categorias e nas três críticas. Desse modo, um novo conceito de conhecimento não somente traria consigo uma nova concepção de experiência, mas também de liberdade, capaz de transcender as limitações nas quais Kant a concebeu.

Benjamin (1986) enfatiza em suas conclusões que o conceito de identidade desempenha um papel crucial na tarefa de estabelecer a esfera do conhecimento além da relação sujeito-objeto. A referência da dependência do conhecimento à linguagem e a reflexão sobre ela criaria um conceito de experiência que chamaria a atenção para áreas cujo ordenamento Kant não foi capaz de estabelecer. Uma delas seria a esfera artístico-cultural, levando à reconstrução da experiência histórica.

Posteriormente, Benjamin desenvolveu estudos acerca de Baudelaire, que se tornou figura central em suas pesquisas, assim como as passagens ou galerias comerciais parisienses construídas na primeira metade do século XIX, que se tornaram objeto de interesse arquitetônico e social em suas obras. Por meio de uma análise das raízes do fetichismo da mercadoria e da alienação humana, baseado em Marx e Lukács, Benjamin busca romper com as teorias evolutivas da história e com as simplificações do marxismo vulgar, buscando

⁵ Walter Benjamin critica a abordagem tradicional da dialética, especialmente a visão hegeliana, que busca superar as contradições por meio de uma síntese final. Em vez disso, propõe uma "não-síntese" em que as contradições e oposições são mantidas e valorizadas, sem buscar uma resolução definitiva. Benjamin enfatiza a importância das tensões e antagonismos como pontos de partida para a análise crítica e como forças que podem levar a transformações sociais, destacando a necessidade de explorar as múltiplas possibilidades presentes nas contradições.

compreender a materialização de uma época que se manifesta em pequenos momentos aparentemente insignificantes da vida moderna, tais como jogos infantis, prostituição, arquitetura, multidão, situações cotidianas etc. Dessa forma, busca desmistificar a história total, destacando momentos isolados aparentemente sem importância e reunindo-os no imenso mosaico que é o conjunto da vida moderna, destacando e desenterrando suas “fantasmagorias”. Apesar dos inúmeros desafios enfrentados, Benjamin se dedica incansavelmente a esse projeto até sua morte⁶.

Segundo Benjamin, Baudelaire é capaz de unir elementos dissociados da verdadeira experiência histórica, como o baço⁷ e a *vie antérieure*, em sua poesia. Habermas (1984) argumenta que Benjamin atribuiu grande importância a

⁶ Conforme Ventura (2018, pg 83) "fase média" do Livro das Passagens (*Das Passagen-Werk*), escrito por Benjamin, abrange um período significativo entre junho de 1935 e dezembro de 1937, conforme organização feita pela editora alemã Suhrkamp em 1982. Durante essa fase, Benjamin dedicou-se intensamente à criação desses fragmentos, explorando temas que lhe eram caros, como a modernidade, o capitalismo e a experiência urbana. Sua abordagem única e interdisciplinar permeou esses escritos, nos quais examinava as transformações sociais, culturais e arquitetônicas ocorridas nas cidades europeias do século XIX, tendo Paris como referência. Os fragmentos do Livro das Passagens, produzidos durante a fase média, são fundamentais para compreender a visão de Benjamin sobre a história e a cultura moderna. Nesse período, ele desenvolveu sua teoria das "passagens", uma tentativa de desvendar os significados ocultos presentes nas estruturas arquitetônicas e nos objetos do cotidiano. Benjamin via essas passagens como espaços carregados de memórias coletivas e como pontos de conexão entre o passado e o presente. É importante ressaltar que a divisão em fases é uma forma de organizar cronologicamente o extenso trabalho deixado por Benjamin. A fase inicial, que compreende o período de 1928 a junho de 1935, mostra a gênese de suas ideias e sua imersão nos estudos sobre a cultura parisiense do século XIX. Já a fase tardia, que abrange dezembro de 1937 a maio de 1940, representa o encerramento abrupto e inconcluso do Livro das Passagens, pois Benjamin foi forçado a interromper seu trabalho devido à perseguição nazista. Ao considerar cada fase do Livro das Passagens, podemos compreender melhor a evolução do pensamento de Benjamin, sua abordagem teórica e seu compromisso em desvelar as contradições e ambiguidades da modernidade. As obras escritas durante a fase média desempenham um papel essencial nesse contexto, pois refletem o ápice de sua pesquisa e reflexão sobre os temas que o preocupavam profundamente.

⁷ Em francês, o termo *spleen* representa o estado de tristeza pensativa ou [melancolia](#) associado ao poeta [Charles Baudelaire](#). O *spleen* baudelaireano é um profundo sentimento de desânimo, isolamento, angústia e tédio existencial, que Baudelaire exprime em vários dos seus poemas reunidos em [Les Fleurs du mal](#). Embora o termo tenha sido muito difundido pelo poeta francês durante o [decadentismo](#), já fora utilizado anteriormente, em particular na literatura do [romantismo](#). A palavra *spleen* tem origem grega e significa baço em inglês. A conexão entre o baço e a melancolia vem da medicina grega e da teoria dos humores. Na teoria dos humores, o baço era considerado a fonte da bile negra, um dos quatro humores corporais, associada à irritação e à melancolia. No entanto, o judaísmo contradiz essa ideia e descreve o baço como o "órgão do riso", embora possa haver uma relação anterior com a teoria dos humores. Em alemão, a palavra *spleen* é usada para descrever alguém sempre irritado. Por outro lado, o baço é chamado de *Milz* em alemão. No século XIX, dizia-se que mulheres mal-humoradas estavam afetadas pelo *spleen*. Em inglês moderno, a expressão *to vent one's spleen* significa expressar sua ira.

Baudelaire porque sua poesia é capaz de expressar o novo dentro do sempre o mesmo, assim como o sempre o mesmo dentro do novo.

[...] a bela aparência é finalmente substituído em seu papel de embrulho necessário pelo conceito de aura, uma aura que, ao se desintegrar, revela a mistério dessa complexa experiência: "a experiência da aura repousa na transferência de uma forma de reação que é usado nas sociedades humanas para a relação do homem com o inanimado ou com a natureza. O homem importante, ou aquele que Ele se acha importante, mantém os olhos erguidos, parece exagerado do ombro". Experimentar a aura de um fenômeno significa investindo-o com a capacidade de manter o olhar erguido". (HABERMAS, 1984, p. 314, tradução nossa)

Dessa forma, a Paris de Baudelaire é vista como uma "cidade submersa", onde os elementos subterrâneos se tornam transparentes através do moderno, ao mesmo tempo em que o moderno sempre pressupõe a pré-história. Entretanto, a reconciliação entre esses elementos se mostra impossível: o moderno torna-se doloroso ao girar no vazio, enquanto a *vie antérieure*, o aspecto subterrâneo, gera terror. O arcaico, sem ser redimido pelo futuro, é apenas perturbador. Benjamin acredita que é necessário buscar as razões de um futuro possível no passado já expirado, demonstrando que as coisas poderiam ter sido diferentes. A compreensão do processo pelo qual a história se cristaliza oferece esperança de que o resultado atual não seja necessariamente uma catástrofe. Está "projeção do passado pelo presente" rejeita, portanto, qualquer concepção da história como progresso (ou, ao contrário, como decadência) e também e paralelamente, qualquer crença na continuidade do processo histórico.

As teses sobre história de Benjamin, baseadas na "projeção do passado pelo presente", rejeitam a ideia de progresso linear ou decadência na história, bem como a crença na continuidade do processo histórico. Ao compreender como a história se cristaliza, Benjamin oferece esperança de que o resultado atual não seja necessariamente uma catástrofe, abrindo espaço para a possibilidade de transformação e mudança em direções inesperadas, sob égide do caráter destrutivo.

A experiência real de Baudelaire é marcada pela sua divisão interna, porém é poeticamente expressa através da subversão da complementaridade. Assim, os valores sociais que ele adota não são de forma alguma decorrentes

do processo produtivo, principalmente do modelo industrial avançado, mas sim construídos através de um longo caminho de desvios. O conceito de um mundo complementar, ou seja, de uma outra metade do real histórico, pode ser ilustrado através do exemplo de Kafka, que também vivia em um mundo complementar. Nesses casos, a obra de arte percorre um caminho longo e sinuoso ao invés de seguir a rota direta das experiências mais comuns. O mundo complementar é distinto do mundo real, embora faça referência indireta a ele.

A experiência do mundo carrega consigo a marca negativa da realidade de onde emerge, mas também contém as sementes de uma libertação, de uma fuga do jogo de espelhos intermediários entre a realidade e a complementaridade. A ressurgência do arcaico, impulsionado em direção ao futuro, ainda que separado e oposto ao conceito de "progresso", pode ser perturbador. Entretanto, é naquilo que é perturbador, nas implicações e no intercâmbio entre o imemorial e o familiar, o distante e o desejado, o passado esquecido e o futuro esperado, que o significado da felicidade é revelado pelo contraste antinômico, conforme Benjamin denominou de "iluminação profana".

Para Benjamin, a felicidade surge da perda, uma vez que o eterno permanece apenas naquilo que foi perdido. Somente a recuperação, o resgate e a redenção permitem a felicidade, no sentido etimológico de recuperar aquilo que era nosso e que havíamos nos privado, daquilo que tínhamos alienado. No sentido teológico, a felicidade está ligada ao direito e ao antigo costume do Redentor, aquele que nos perdoa as dívidas e pecados, cancelando-os, como fizeram os tiranos clássicos.

Para avançarmos no futuro, é importante olhar para trás e redescobrir o que já foi vivido. Devemos transformar a distância em proximidade, aprender com as lições do passado e aplicá-las de maneira relevante para construir um futuro melhor. Portanto, é importante lembrar que a felicidade não pode ser alcançada simplesmente através de um progresso linear do tempo, que tende a suprimir e esquecer as etapas anteriores sem memória ou respeito pelo passado. Da mesma forma, a felicidade não pode ser encontrada no eterno retorno, embora essa seja uma tentativa de fundir os dois princípios antinômicos da felicidade: o da eternidade e o do "mais uma vez". A ideia do eterno retorno pode, no máximo, criar uma ilusão da felicidade, uma "fantasmagoria", mas não a felicidade em si. Com a noção de que a teoria do eterno retorno, principalmente

na versão de Nietzsche, é mera reificação do passado no “novo”, Benjamin implode esse conceito e defende a necessidade de ruptura do ciclo vicioso de dominação “puxando-se o freio de mão” do processo histórico para criação de uma nova ordem.

Uma relação efetiva entre os princípios antinômicos e dissociados da felicidade só pode ser alcançada quando o eterno retorno supera o isolamento do progresso e quando a memória suprime o isolamento do esquecimento. Portanto, a felicidade é dada pela memória involuntária. Ela não pode ser alcançada sem tê-la visto e perdido, mas não pode ser encontrada em experiências artificiais ou na forma de propriedade inalienável sem destruí-la.

Na linguagem de Franz Rosenzweig, que foi filtrada por Benjamin, a estrela da Redenção também serve como guia para a felicidade, mas de forma secreta e oculta. É como o sol que nasce no céu da história e ilumina tudo o que passou, permitindo uma melhor compreensão. As imagens que povoam nossos desejos têm um caráter ambivalente, com duas faces, como no mito de Janus Bifronte: remetem a um passado remoto e indistinto, mas também estão ligadas a um futuro indeterminado. Elas não podem ser definidas de forma precisa, exceto no momento em que o passado e o futuro se fundem no "agora", quando a centelha de seu significado é revelada.

Nesse sentido, é importante destacar a diferença entre a posição clássica, que ainda é a do senso comum e que se encontra em Aristóteles, segundo a qual o instante é um puro divisor, separando claramente o "antes" e o "depois", e a posição de Benjamin, para quem o instante, ainda que saturado de tensões, é um elo que resume o tempo ao unir passado e futuro. É por isso que, de acordo com Benjamin, a felicidade tem a cor local do tempo. A ideia de felicidade que podemos cultivar é influenciada pelo tempo que percorremos em nossas vidas.

Benjamin argumenta que a experiência não deve ser limitada à realidade imediata e à ciência, mas deve incluir aspectos não tangíveis, como a arte e a religião. Ele busca ampliar o conceito de experiência além da abordagem kantiana, que se concentra principalmente na experiência baseada em objetos físicos e na consciência empírica. É a partir dos estudos de Baudelaire que vai propor uma noção de experiência que consubstancia o modo de viver moderno com todas as suas implicações para a fragmentação do sujeito.

“Alguns Motivos na Obra de Baudelaire”, texto escrito e publicado na revista do Instituto de Pesquisa Social, editada já em Nova York, e discutido em cartas com Adorno, é um dos poucos trabalhos completos de Benjamin, devido a sua vida instável e itinerante. Nele, encontramos os principais temas, não somente de Baudelaire, mas da própria modernidade. Talvez todos os motivos tenham como leito em comum a identificação do choque como modo de percepção moderna. Trata-se, nada menos, do que o estabelecimento de um novo modo de percepção, um novo sensorio.

A multidão, um dos primeiros temas do ensaio, e motivo de análise de vários escritores da modernidade, como Vitor Hugo e Poe, é também encontrado em vários poemas de Baudelaire, um exausto poeta no meio da massa urbana que se forma nas cidades e que dão o tom de uma turba que sequer se olha. Como diz Benjamin (2020, p. 118): “Essa indiferença brutal, o isolamento insensível do indivíduo nos seus interesses privados é tanto mais chocante e gritante quanto mais esses indivíduos se comprimem num espaço exíguo”. Benjamin, acuradamente, vê no choque da multidão um dos elementos constituintes da experiência moderna, que vai se estabelecendo no curso da mercadoria, seja na venda do trabalho repetitivo e alienante - que força a concentração de pessoas no comprimido espaço da fábrica, mas que não se veem -, no estímulo das lojas, vitrines e perfumarias das passagens, nas buzinas dos automóveis e outros “sustos” estimulantes das fantasmagorias modernas. Tal como Baudelaire, Benjamin tenta “despertar” tais sonhos e anestésias do sujeito. É nessa linha que se dá a crítica à experiência comunitária que se converte em vivência isolada sob o choque, que leva ao declínio da narração e à pobreza de experiências verdadeiras.

2.3 EXPERIÊNCIA E POBREZA: UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO CULTURAL (*BILDUNG*)

Segundo interpretação de Mitrovitch (2007, p. 41), é possível encontrar uma reflexão acerca da relação entre a ousadia de assumir o controle da história e a figura do homem moderno, a partir da análise do anjo benjaminiano. Ao tentar direcionar o curso da história para alcançar metas bem definidas, o homem acabou por criar uma representação de si mesmo que lhe é estranha e, em

alguns casos, até mesmo ridícula. Em vez de uma figura perfeitamente formada e idealizada, o resultado final é uma figura híbrida e deformada⁸. No entanto, a autora sugere que é justamente nessa fragilidade aparente que reside a força da história, uma vez que a busca pela perfectibilidade humana inevitavelmente leva a contradições e conflitos que moldam a evolução da sociedade.

Temos na obra *Angelus Novus* a interpretação crítica da figura do homem moderno que, ao tentar controlar a história, acaba por criar uma representação deformada de si mesmo. Essa reflexão sobre a fragilidade da busca pela perfectibilidade humana pode ser conectada à problemática identificada por Walter Benjamin em relação à pobreza da experiência na modernidade. A falta de compartilhamento e narração de histórias impede a construção de uma visão de mundo mais ampla e rica em conhecimento. Assim, as mudanças profundas e aceleradas da modernidade exigem uma reflexão sobre a relação do homem com a história e sobre a forma como construímos nossas narrativas e representações.

A modernidade é caracterizada por profundas mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas, que tiveram impacto significativo na forma como os indivíduos vivem e experimentam o mundo. Em meio a esse contexto, Benjamin (2022) flagrou a pobreza da experiência como um dos principais problemas da época. Para ele, a modernidade trouxe consigo uma decadência da narração e do compartilhamento, o que afetou a maneira como as pessoas acumulam conhecimento e constroem a sua visão de mundo.

É importante trazer à luz as reflexões de Benjamin sobre a experiência na modernidade e como isso se relaciona com a pobreza de conhecimento e a perda de sentido na vida cotidiana. Primeiramente, exploraremos o conceito de experiência em Benjamin (2022), destacando a diferença entre *Erfahrung* e *Erlebnis*. Em seguida, abordaremos a ideia de pobreza de experiência, sua

⁸ *Angelus Novus* é uma obra do artista plástico alemão Paul Klee, criada em 1920. A pintura retrata um anjo, representado como uma figura abstrata, flutuando no ar com asas abertas. O título da obra, "*Angelus Novus*", pode ser traduzido como "Anjo Novo" ou "Anjo da História". A pintura inspira uma passagem do ensaio "*Sobre o Conceito de História*", de Walter Benjamin, que descreve um anjo da história que olha para trás enquanto é empurrado para o futuro pelo vento da história. Benjamin argumenta que a visão do anjo é dolorosa, porque ele vê o sofrimento humano e a destruição causada pelo progresso histórico.

relação com a modernidade e sua importância para o pensamento contemporâneo.

Para Benjamin, a experiência não se resume ao conhecimento adquirido por meio de dados isolados e fixados na memória. Ela é constituída principalmente pelo conhecimento acumulado e transmitido pelas gerações precedentes por meio de narrativas, como fábulas, conselhos, sabedorias, histórias e parábolas. Esse tipo de experiência é chamado por Benjamin (2022) de *Erfahrung*, que é o conhecimento obtido através de vivências significativas que se acumulam, prolongam e desdobram, como numa viagem. O sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permite sedimentar as coisas com o tempo.

Por outro lado, há também a vivência do indivíduo em sua história pessoal, apegado unicamente às exigências de sua existência prática, que Benjamin (2022) chama de *Erlebnis*. É a impressão forte, o choque (como a passante em Baudelaire), que precisa ser assimilada às pressas, que produz efeitos imediatos. A diferença entre *Erfahrung* e *Erlebnis* é crucial para a compreensão da reflexão de Benjamin sobre a experiência na modernidade.

Benjamin inicia o ensaio *Experiência e Pobreza* com a fábula “O velho vinhateiro”; as fábulas fazem parte de um gênero narrativo curto e fictício, são eficazes na transmissão de valores e ensinamentos, ou seja, contribuem para a formação cultural. Benjamin (2022, p. 85) se questiona para “onde foi tudo isso? Onde é que se encontra ainda pessoas capazes de contar uma história como deve ser?”.

Essas inquietações factuais de Benjamin foram escritas no início do século XX, momento esse atravessado pela ascensão de governos totalitários (nazifascista) e pelo avanço tecnológico. O período marcado pela 1ª Guerra também serviu para que Benjamin refletisse sobre esses acontecimentos impactantes.

Uma coisa é clara: a cotação da experiência baixou, e isso aconteceu com uma geração que fez, em 1914-1918, uma das experiências mais monstruosas da história universal. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Não se tinha, naquela época, a experiência de que os homens voltavam mudos do campo de batalha? Não voltavam mais ricos, mas mais pobres de experiências partilháveis. Aquilo que, dez anos mais tarde, fomos encontrar na grande vaga dos livros de guerra, era tudo menos experiência contada e ouvida. (BENJAMIN 2022, p. 86)

Partindo da ideia de fábulas e também das vivências “pobres de experiências partilháveis”, podemos entender, assim como Mitrovitch (2007, p. 42), o ensaio *Experiência e Pobreza* como uma reflexão filosófica sobre a formação cultural (*Bildung*), ensaio no qual Benjamin explora a ideia de que a experiência autêntica, baseada na vivência direta e na relação com o mundo, está sendo gradualmente substituída pela pobreza da experiência. Ele argumenta que a sociedade moderna, com sua ênfase na racionalização, na tecnologia e na alienação, está privando as pessoas da verdadeira experiência. Tal pobreza de experiência resulta em uma perda de conexão com o passado, com a tradição e com as próprias raízes culturais comunitárias.

Para onde foi tudo isso? Onde é que se encontra ainda pessoas capazes de contar uma história como deve ser? [...] Esse gigantesco desenvolvimento da técnica levou a que se abatesse sobre as pessoas uma forma de pobreza totalmente nova. [...] essa pobreza de experiência não se manifesta apenas no plano privado, mas no de toda a humanidade. Transforma-se, assim, numa espécie de nova barbárie. (BENJAMIN, 2012, p. 85-86)

Posteriormente, em "O Narrador", Benjamin (2018) examina a figura do narrador e como sua importância diminuiu na era moderna. O argumento é que com o advento da sociedade da informação e da tecnologia de reprodução, a tradição oral do narrador tem sido substituída pela escrita e pelos meios de comunicação de massa. A narrativa autêntica, transmitida por meio da experiência pessoal e da sabedoria acumulada, está sendo substituída por formas de comunicação mais impessoais e fragmentadas.

Todas as manhãs somos informados sobre o que de novo acontece à superfície da Terra. E, no entanto, somos cada vez mais pobres de história de espanto. Isso se deve ao fato de nenhum acontecimento chegar até nós sem estar já impregnado de uma série de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece tem utilidade para a narrativa, praticamente tudo serve antes a informação. (BENJAMIN, 2018, p. 146)

O conceito de experiência, ainda que haja uma distinção nas duas obras citadas acima, interligam-se com o fim da *Bildung*, que se refere ao processo de educação e formação do indivíduo. A *Bildung* tradicionalmente envolve uma busca pelo conhecimento, pelo autodesenvolvimento e pela conexão com a tradição cultural. Tanto em "Experiência e Pobreza" quanto em "O Narrador",

Benjamin argumenta que a sociedade moderna está perdendo os elementos formativos essenciais.

A perda da experiência e a diminuição da figura do narrador afetam a capacidade de as pessoas se conectarem com o seu passado, de desenvolver uma compreensão profunda do mundo e de si mesmas. Isso resulta em uma falta de enraizamento cultural e uma alienação do conhecimento e da sabedoria acumulados ao longo do tempo. Portanto, a obra de Benjamin sugere que a experiência autêntica e a figura do narrador desempenham papéis importantes na preservação da *Bildung* e que seu declínio contribui para o seu fim na sociedade moderna.

Ainda que Mitrovitch (2007, p. 42) se concentre em demonstrar a experiência benjaminiana como uma valorização do presente, aqui vamos nos pautar no conceito de formação cultural (*Bildung*) de Adorno, no qual a educação e a formação estão intrinsecamente ligadas a uma perspectiva cultural, sendo entendida como "a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva" (ADORNO, 2010, p. 9). Nesse sentido, a formação cultural é considerada um processo formativo com desdobramentos dialéticos essenciais para uma apropriação subjetiva significativa.

De acordo com Adorno, a questão da semiformação não se restringe aos limites da instituição escolar, mas é um problema que permeia toda a sociedade. Ripa & Silva (2021, p. 3) colocam em questão: "Como podemos refletir sobre os processos civilizatórios nesse momento em que observamos um aumento cada vez maior de aspectos de barbárie, em vez de emancipação humana?". Embora a crise de semiformação não seja apenas uma crise pedagógica, podemos afirmar que nossa crise educacional é, de fato, uma crise de formação cultural. O filósofo alemão identificou indícios dessa crise de formação de maneira generalizada, presentes em vários aspectos da vida contemporânea. Essas características problemáticas eram evidentes em múltiplos contextos e manifestavam-se de forma persistente, revelando a amplitude e a gravidade do desafio enfrentado.

Um dos reflexos mais significativos dessa crise de formação foi a metamorfose daquilo que antes era considerado como formação cultural, para um estado de semiformação, conforme destacado por Adorno (2010, p. 9) ao referir-se à "onipresença do espírito alienado". Mesmo em uma era de ampla

disponibilidade de informações, o que passou a predominar na consciência coletiva foi justamente a semiformação. Tal fenômeno revela uma deterioração preocupante do conhecimento e da capacidade de discernimento das massas, uma espécie de diluição das bases fundamentais da cultura em um conjunto superficial de informações descontextualizadas. Essa predominância da semiformação implica em consequências profundas para a sociedade, afetando não apenas o indivíduo, mas também a formação de uma consciência crítica e autônoma.

As atitudes e o aumento do obscurantismo no contexto atual, tanto em âmbito nacional quanto global, são manifestações daquilo que Adorno denominou como *semiformação* (*Halbbildung*). Em uma interpretação pessoal das palavras de Adorno (2020), podemos compreender que para analisar o fenômeno do obscurantismo no Brasil, é necessário reconhecer que o êxito desse novo grupo político (no caso, o nazifascista) estava intrinsecamente ligado à sua organização, pois não se autodenominava simplesmente como um partido, mas sim como um movimento.

A noção de *Halbbildung* desempenha um papel central na teoria crítica de Theodor W. Adorno. Essa concepção refere-se à forma incompleta de educação e desenvolvimento cultural que é característica da sociedade moderna. Para Adorno, a semiformação resulta de um sistema educacional que valoriza apenas a transmissão de conhecimentos técnicos e habilidades pragmáticas, negligenciando a formação integral do indivíduo. Nesse contexto, a semiformação é marcada pela ausência de pensamento crítico, reflexão filosófica e sensibilidade estética, levando a uma sociedade alienada e conformista.

A formação devia ser aquela que dissesse respeito – ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo. (ADORNO, 2010, p.13)

Adorno argumenta que a semiformação está intimamente ligada à lógica da indústria cultural e à crescente mercantilização de todas as esferas da vida. A cultura de massa, segundo ele, oferece uma ilusão de liberdade e diversidade, mas na realidade cria produtos padronizados e homogêneos que promovem a conformidade e o consumo passivo. A semiformação é uma consequência

desse processo, pois os indivíduos são condicionados a aceitar acriticamente as formas culturais impostas pela indústria cultural, incapazes de discernir ou questionar a qualidade e a autenticidade dessas produções. Assim, a teoria da semiformação revela uma crítica contundente à sociedade contemporânea e às estruturas que perpetuam a alienação e a falta de autonomia intelectual.

A indústria cultural é um fenômeno que não produz conscientização na população, mas poderia desempenhar um papel importante na formação da consciência e subjetividade. Nessas condições, engendra uma armadilha em relação à gratuidade e não deve ser confundida com democratização. Atualmente, as redes sociais, apesar de não serem a esfera pública, funcionam como uma mercadoria na indústria cultural, mesmo não sendo diretamente paga por ela. Com o surgimento das redes sociais, as barreiras existentes nos meios de comunicação tradicionais foram derrubadas e isso colaborou para o impulsionamento da extrema direita no Brasil. Pode compreender, a partir de Adorno, que esse processo de semiformação está ligado à realidade imediata imposta pelo modo de vida capitalista, com consequências desastrosas no processo de constituição de uma *Bildung* emancipadora.

3 HOMESCHOOLING NO BRASIL

3.1 JUNHO DE 2013

Em junho de 2013 o Brasil viveu um momento histórico com manifestações nas ruas em todo o país. Impulsionado por causas progressistas, como o combate ao aumento da passagem em São Paulo, fim da violência policial e o fim da corrupção, diversas organizações de diferentes matrizes políticas aderiram aos atos, mas também serviu de nascedouro de grupos políticos reacionários como o MBL – Movimento Brasil Livre e o Vem pra Rua. Segundo Vilela (2017), foi nas Jornadas de Junho de 2013 que esses grupos ganham expressividade.

O que talvez seja uma novidade de junho de 2013 é a expressividade pública, o uso de protestos nas ruas, as formas de mobilização de alguns grupos e coletivos que, em alguma medida, tentam imitar certas lógicas de protestos da esquerda, uma estética parecida, na forma-movimento, para se colocarem como atores públicos legítimos na sociedade (é o caso do MBL e o Vem pra Rua, por exemplo), muito embora esses mesmos grupos de direita também tenham uma circulação muito próxima com partidos políticos e *think tanks*. [...] Grupos de direita, como o MBL e o Vem pra Rua, só surgem nesse momento posterior, em 2014, como resultado das forças sociais de direita que foram às ruas em junho, e também vai levando à necessidade de realinhamento dos atores políticos tradicionais do campo da esquerda democrático-popular. (VILELA, 2017, n.p.)

Para entender um pouco do que aconteceu no Brasil em junho de 2013, é importante uma breve contextualização. Uma das características desse movimento foi a rápida adesão da população, sucesso esse que pode ser contabilizado pela amplitude que as redes sociais virtuais alcançaram.

No início, ainda convocado apenas pelo Movimento do Passe Livre (MPL), os protestos tinham como objetivo apenas reverter o aumento da passagem do transporte público em São Paulo. Porém, com a repressão policial sofrida pelo movimento, houve uma comoção por parte da população e de outros grupos que logo aderiram às manifestações. Como resultado, as pautas se ampliaram, além dos R\$ 0,20 centavos; agora, tinha-se pautas pelos direitos humanos, pelo fim da corrupção entre outras.

Um aspecto importante desse movimento depois da ampliação das pautas foi o antagonismo das reivindicações, como nos mostra Scherer-Warren:

Para exemplificar a existência de polos antagônicos, observou-se, nesse movimento: de um lado, os jovens do MPL defendendo políticas de sentido emancipatório e lutando por mudanças sistêmicas e político-culturais; de outro, alguns grupos de jovens médicos se opondo a uma política pública (Mais Médicos) a favor de populações carentes, para defender o status quo e interesses corporativistas da classe, inclusive tentando interferir, de forma meramente corporativista, no sistema institucional, como ficou evidenciado por seus atos em relação a esse projeto. Outro conflito foi referente às formas. (SCHERER-WARREN, 2014, p. 419)

Essas contradições no movimento podiam ser expressas principalmente na revolta contra os partidos políticos. Uma das principais reivindicações depois da repressão policial foi pelo direito à liberdade de manifestação de rua, porém o próprio movimento entrava em conflito quando militantes de partidos iam às ruas se manifestar e se solidarizar com os manifestantes.

Para Scherer-Warren, o que colocava manifestantes de esquerda e de direita em um mesmo, ato devia-se à recente democracia brasileira, somada aos antagonismos das reivindicações.

Porém, no Brasil, nossa democracia, ainda bastante emergente, dificulta a negociação democrática de grupos antagônicos, como os que estiveram presentes nas manifestações. Eles iam de uma esquerda mais radical, que busca mudanças mais sistêmicas, a uma direita conservadora, que busca proteção em direitos humanos, mas garantindo seu status quo, ou até propondo retrocessos em relação a políticas públicas de inclusão. (SCHERER-WARREN, 2014, p. 424)

O fato é que a onda conservadora que surgiu junto aos atos de 2013, somado aos liberais de cunho econômico, apoiaram e tiraram o Movimento ESP do ostracismo. Dentro dos atos, havia palavras de ordens muito claras como o fim da corrupção e “fora PT”, ou seja, essas organizações nascentes que aderiram às mobilizações tinham um objetivo em comum com o ESP, que era afastar a esquerda dos aparatos do estado, seja no meio político ou na educação.

Os primeiros projetos de lei do ESP são de 2014, o que corrobora o fato de que este movimento foi fortalecido por junho de 2013 e repercutiu nos anos seguintes, em plena adesão ao obscurantismo que tomaria conta do cenário político e social do Brasil antes e após o Golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, em 2016.

3.2 OBSCURANTISMO ABRAÇA A BALA, A BÍBLIA E O BOI

No Congresso Nacional brasileiro, três importantes bancadas se destacam por sua influência política e alinhamento conservador: a bancada armamentista, conhecida como "da bala"; a bancada ruralista, apelidada de "do boi"; e a bancada evangélica, referida como "da bíblia". Juntas, essas bancadas compõem o que ficou conhecido como Bancada BBB, em referência às suas respectivas letras iniciais.

O termo "Bancada BBB" foi cunhado pela deputada federal Erika Kokay durante uma reunião da bancada do Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados, no início de 2015. Kokay utilizou o termo de forma descontraída, arrancando risadas de seus colegas parlamentares. No entanto, a expressão logo ganhou destaque entre políticos de esquerda e parte da mídia, que passaram a identificar nessas bancadas uma ameaça potencial aos direitos humanos e às minorias no país.

A Bancada BBB é caracterizada por sua orientação conservadora e alinhamento à direita política brasileira. Cada uma das bancadas que a compõe possui pautas específicas que refletem seus interesses e valores.

A bancada armamentista, ou "da bala", defende a flexibilização das leis de posse e porte de armas, alegando que o cidadão tem o direito de se autodefender. Seus membros propõem a revogação do Estatuto do Desarmamento e a adoção de medidas que ampliem o acesso às armas pela população. Seu financiamento está ligado à indústria bélica e a fabricantes de armas.

A bancada ruralista, conhecida como "do boi", representa os interesses dos produtores rurais e do agronegócio. Seus membros atuam em defesa da redução de regulamentações ambientais e da flexibilização das leis trabalhistas no setor rural, além de apoiarem a expansão das áreas destinadas à agropecuária. É financiada pelo agronegócio e fabricantes de agrotóxicos nacionais e internacionais.

Por fim, a bancada evangélica, ou "da bíblia", tem como principal foco a defesa dos valores morais e religiosos, baseados na interpretação da Bíblia. Seus membros costumam se posicionar contrários a questões como a legalização do aborto, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a adoção

de políticas públicas que possam contrariar suas crenças, além de combater ferozmente o que chamam de “ideologia de gênero”. É financiada por grandes conglomerados neopentecostais.

O Congresso eleito em 2014 foi considerado um dos mais conservadores da história do Brasil. Essa configuração permitiu que projetos de lei, anteriormente rejeitados, fossem novamente debatidos e avançado em tramitações. Questões como a redução da maioria penal, revogação do Estatuto do Desarmamento, criação do Estatuto da Família e inclusão do aborto entre os crimes hediondos voltaram a ser discutidas com maior intensidade.

A agenda da bancada BBB, retrógrada, reacionária e ultraconservadora, tem projetado o obscurantismo, impulsionada pelo avanço das redes sociais e aplicativos de mensagens, bem como pelo contexto pandêmico, alimentando o movimento antivacina. Além disso, é importante lembrar que ideias obscurantistas já estavam presentes anteriormente, quando o Movimento Escola sem Partido ganhou força. O obscurantismo, nesse sentido, refere-se à promoção de ideias e práticas que buscam restringir o acesso à informação, cercear o debate e fomentar a desconfiança em relação ao conhecimento científico e aos avanços sociais. Essa postura obscurantista não apenas perpetua a desigualdade e a exclusão, mas também ameaça o progresso da ciência e das instituições, comprometendo o desenvolvimento educacional, social e cultural de uma sociedade.

Para entender melhor o quanto o obscurantismo abraçou a nova direita no Brasil, aqui caracterizado pela bancada BBB, é importante entender e recorrer ao conceito de indústria cultural, principalmente no que tange ao papel social da mídia de massas.

A influência que a mídia exerceu sob um novo modo de fazer política se modificou nos últimos anos. Analisando esse tema, Della Torre (2021) elenca uma série de figuras que surgiram nesse meio por conta desse fenômeno.

Em 2009, o comediante e blogueiro Beppe Grilo fundou na Itália o Movimento Cinco Estrelas, que viria a ser uma perigosa força de extrema-direita no país. Os Estados Unidos, berço da indústria cultural, que já haviam eleito os atores Ronald Reagan e Arnold Schwarzenegger, alçaram Donald Trump, empresário e apresentador do *reality show* “O aprendiz”, ao comando da maior potência militar do mundo. Na Ucrânia, Volodymyr Zelensky, o comediante sem nenhuma experiência política prévia, elegeu-se com um partido fundado em

2018, cujo nome era o mesmo da série televisiva na qual ele representava um presidente, “O servo do povo”. Nayib Bukele ganhou a presidência em El Salvador, o primeiro país a ter o Bitcoin como sua moeda oficial, a partir de uma campanha no YouTube e em outras redes sociais. No Brasil, Jair Bolsonaro, político de carreira, porém irrelevante no cenário nacional, tornou-se conhecido a partir da disseminação de vídeos no YouTube nos quais as coisas criminosas que dizia eram acompanhados da música “*turndown for what?*” [para que pegar leve?]. (DELLA TORRE, 2021, s/p)

Esses indivíduos mencionados por Della Torre (2021) personificam o lado mais obscuro do cenário político no contexto dos debates públicos. Esses políticos também não possuem uma afiliação ideológica partidária, mas embora não tenham uma filiação ideológica partidária definida, é possível identificá-los dentro de um espectro da bancada BBB; eles se aproveitam do que chamamos de partido *uber*⁹ para garantir sua eleição. Um exemplo disso é o presidente Bolsonaro, que passou a maior parte de seu governo sem estar filiado a nenhum partido.

Adorno e Horkheimer estudaram a indústria cultural, que pode ser concebida como o conjunto de instituições e práticas que produzem e distribuem produtos culturais em massa, contribuindo para reprodução do sistema capitalista pela alienação das massas. Os teóricos frankfurtianos argumentaram que a cultura de massa padronizada e comercializada promovia a conformidade, o consumo acrítico e a distração das questões sociais e políticas mais profundas. Assim, viam a indústria cultural como um meio de controle social e manipulação ideológica, enfraquecendo a consciência crítica das pessoas e perpetuando as estruturas de poder existentes. Seus estudos buscaram desafiar o consenso em torno da indústria cultural e refletir sobre possibilidades de uma cultura que encorajasse a emancipação e a reflexão crítica.

Indústria cultural não é sinônimo de arte popular. Tampouco é um adjetivo para designar “cultura de gente alienada” ou “arte reificada”. Não faz o menor sentido, para Adorno, utilizar essa expressão para designar programas e músicas específicos, pois indústria cultural não é um conjunto de bens culturais. Tampouco se trata de confundir cultura de massas com cultura do “povo” – o termo “massa” utilizado pela teoria crítica refere-se sempre à teoria de Freud e remete, portanto, a uma teoria do enfraquecimento do “eu”. Ademais, indústria cultural não se resume ao problema da comercialização da arte,

⁹ Um partido *uber* ou partido de aluguel é uma organização política que carece de uma ideologia clara e princípios políticos sólidos. Em vez disso, está disposto a adotar qualquer plataforma política ou apoiar qualquer causa com base em benefícios financeiros, favores políticos ou outros interesses pessoais. Esses partidos são considerados oportunistas e sem convicções genuínas, minando a integridade do sistema político e gerando desconfiança dos eleitores.

conforme pensam alguns sociólogos – embora o tornar-se “mercadoria”, no sentido marxiano do termo, esteja em seu cerne. (DELLA TORRE, 2021, s/p)

Como todo conceito datado historicamente, o de indústria cultural não foge à regra e precisa ser atualizado em função da emergência de novas e poderosas configurações da mídia contemporânea. De acordo com Della Torre (2021), Adorno não previu o tamanho e a amplitude que a indústria cultural assumiria com as redes sociais. Para compreender o funcionamento da bancada BBB, é necessário explorar os novos desdobramentos econômicos, políticos e culturais das mídias digitais.

Anteriormente, a direita utilizava meios de comunicação tradicionais, como rádio, TV, jornais e revistas impressas para exercer sua influência sobre a população. No entanto, com o avanço da internet, a direita não precisa mais recorrer a esses meios para propagar seu conteúdo, pois não está mais limitada ou regulamentada por esses dispositivos de comunicação. Com as redes sociais, as "barreiras" caíram, possibilitando um ambiente livre de controle social para impulsionamento de comunicação obscura. O que surgiu foi um movimento de massa, no qual a extrema direita não se apresenta como um partido oficial, mas simbolicamente como um movimento. Para lembrar, o lema do então candidato à presidência, Jair Bolsonaro, era "meu partido é o Brasil".

Essa política das redes sociais fortaleceu a bancada BBB por meio do engajamento, tanto que o atual presidente não pertence a nenhum desses grupos, no entanto, o número de eleitos desses grupos aumentou substancialmente¹⁰. Isso demonstra que esse modo de fazer política por meio das redes sociais favoreceu esses grupos e continuará favorecendo, o que reforça a tendência da semiformação com o apoio da indústria cultural.

Adorno faz um alerta importante: não somos nós, da esquerda, que temos o domínio político e econômico sobre a indústria cultural e sua máquina de propaganda. Embora sejamos obrigadas a habitar as contradições sob as quais vivemos e façamos nossas disputas com o que temos, não podemos nos iludir quanto a isso e é preciso ter um programa. (DELLA TORRE, 2021, s/p)

¹⁰ O partido do presidente Jair Bolsonaro (PL) que também compõe a bancada BBB fortaleceu sua posição como a maior bancada da Câmara dos Deputados nas últimas eleições presidenciais, com um aumento de 76 para 99 deputados na próxima legislatura. Disponível em <<https://encurtador.com.br/DIMR8>> acessado em 16/05/2023.

É importante analisar a indústria cultural como parte da nossa sociedade e cultura, juntamente com o uso político dos dados (redes sociais, Bigtechs etc.). A influência crescente da extrema-direita, aqui evidenciada pela bancada da bala, do boi e da bíblia, mostra que não se trata apenas de manipulação política, mas de um sistema que está mudando a forma como nos organizamos socialmente.

Nesse contexto, o projeto de Lei do Ensino Domiciliar surge como mais um elemento que levanta preocupações sobre a influência e o controle exercidos sobre o conhecimento e a educação. Ao permitir que os pais optem por educar seus filhos em casa, a proposta levanta questionamentos sobre o acesso a uma educação plural, abrangente e inclusiva, uma vez que a formação dessas crianças pode ser direcionada de acordo com as crenças e ideologias dos pais. Isso pode resultar em lacunas no conhecimento, perpetuação de preconceitos e visões limitadas do mundo, contribuindo para a fragmentação social e a polarização política que estamos presenciando. É fundamental garantir que todas as crianças tenham acesso a uma educação de qualidade, que promova a diversidade, o pensamento crítico e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

3.3 PROJETO DE LEI DO ENSINO DOMICILIAR

Durante os cem primeiros dias do governo Bolsonaro, em janeiro de 2019, a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves PP/PR, anunciou uma medida provisória (MP) que tratava do ensino domiciliar. Essa iniciativa despertou curiosidade e chamou a atenção de Pichonelli (2019, p. 99), que observou ironicamente que, em vez de anunciar a mencionada MP, o Ministério da Educação parecia estar ocupado registrando vídeos de crianças cantando o Hino Nacional.

A crítica ao ensino tradicional e a presença de doutrinação dentro do ambiente escolar são citados como principais motivos pelos defensores desse projeto. De acordo com a ANED (Associação Nacional de Educação Domiciliar), no Brasil, estima-se que cerca de 35 mil famílias tenham optado por essa modalidade educacional.

A raiz do Projeto de Lei (PL) atual não está nessa MP, embora tenha sido gerado no âmbito familiar do então presidente da ANED. O Projeto de Lei proposto pelo Deputado Eduardo Bolsonaro tinha como objetivo autorizar o ensino domiciliar na educação básica, composta pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, para os menores de 18 (dezoito) anos. Com essa iniciativa, buscava-se alterar dispositivos da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelecia as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que trata do Estatuto da Criança e do Adolescente e aborda outras questões pertinentes. A proposta visava garantir aos pais ou responsáveis legais a opção de educar seus filhos em casa, reconhecendo o direito à escolha do método educacional mais adequado às necessidades e convicções familiares.

O contexto histórico do *homeschooling* no Brasil apresenta uma série de proposições e projetos de lei que foram apresentados ao longo dos anos, buscando legalizar e regularizar a prática do ensino domiciliar. Essas iniciativas não são recentes e remontam ao ano de 1994, quando o Deputado João Teixeira propôs o Projeto de Lei 4.657/1994, que autorizava o ensino domiciliar no primeiro grau. Posteriormente, outros projetos foram apresentados, como o PL 6.001/2001, do Deputado Ricardo Izar, e o PL 6.484/2002, do Deputado Osório Adriano, que buscavam instituir a educação domiciliar nos sistemas de ensino estadual, do Distrito Federal e dos municípios.

No ano de 2008, os Deputados Henrique Afonso e Miguel Martini propuseram o PL 3.518/2008, que sugeria uma inovação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, visando admitir e reconhecer a modalidade de educação domiciliar na educação básica. Além disso, o Deputado Walter Brito Neto apresentou o PL 4.122/2008, que propunha que a regulamentação do regime de educação domiciliar ficasse sob responsabilidade do Ministério da Educação. Apesar dessas diversas tentativas, todas as proposições foram arquivadas, uma vez que pareceres favoráveis à rejeição foram acolhidos pela Comissão Permanente da Educação, responsável pela avaliação do mérito das propostas.

Essa sequência de projetos de lei demonstra que o *homeschooling* tem sido objeto de debates e discussões no âmbito do Parlamento Federal ao longo dos anos. Embora algumas iniciativas tenham sido apresentadas visando a legalização e regulamentação da prática, nenhuma delas obteve sucesso até o

momento. A rejeição das propostas por parte da Comissão Permanente da Educação responsável reflete a existência de diferentes perspectivas e opiniões sobre o *homeschooling*, o que torna o tema complexo e controverso no cenário educacional brasileiro.

Ainda em setembro de 2018, o tema ganhou mais fôlego. O Supremo Tribunal Federal (STF) se manifestou sobre a legalidade do pedido de uma família com relação ao ensino domiciliar. Por 7 votos contrários e 2 favoráveis, decidiu-se pela inconstitucionalidade do direito dos pais educarem os filhos em casa. Embora parecesse uma derrota para os pais, houve, de certa forma, uma instrução muito didática do que os entusiastas do ensino domiciliar deveriam fazer para garantir tal direito. O ministro Barroso, que se reuniu com a ANED, indicou que deveria ser feito um movimento para que se alterasse a LDB da educação e assim foi impulsionado o movimento por apoio dos deputados e senadores para que fosse gerado o *homeschooling* típico das contradições da sociedade brasileira, com caráter tão singular, que podemos chamar de ensino domiciliar *tupiniquim*.

Assim, chega a Câmara dos Deputados Federais o Projeto de Lei apresentado pelo Deputado Lincoln Portela/PR/MG, que propõe alterações nas Leis Nº 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e Nº 8.069/1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente, com o objetivo de tratar sobre a possibilidade de oferta domiciliar da educação básica. A proposta busca reconhecer a importância da educação no ambiente familiar, permitindo que os pais ou responsáveis legais tenham a opção de educar seus filhos em casa, desde que atendam aos critérios estabelecidos em lei. Essa medida visa garantir a liberdade de escolha dos métodos educacionais, respeitando os direitos e necessidades das famílias, proporcionando uma educação de qualidade e individualizada, em consonância com os princípios e valores familiares, segundo o projeto de lei.

Em maio de 2022, um texto substituindo o PL do deputado Lincoln Portela/PR/MG, escrito pela deputada Luisa Canziani/PTB/PR, foi aprovado na Câmara dos Deputados. O projeto de lei em questão tem como objetivo estabelecer diretrizes para a prática da educação domiciliar no Brasil, visando garantir que o poder público assuma a responsabilidade de zelar pelo adequado desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes nessa modalidade. A

proposta recebeu um total de 264 votos favoráveis e 144 votos contrários durante a votação.

O projeto do PL que propõe alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) para permitir o ensino domiciliar na educação básica, abrangendo a pré-escola, o ensino fundamental e médio é muito semelhante à lei instituída em Portugal. Com essa mudança, os pais seriam responsáveis pela educação dos filhos, mas apenas algumas famílias seriam autorizadas a adotar essa modalidade, seguindo algumas exigências. As exigências incluem a comprovação de nível superior de um dos responsáveis, apresentação das certidões criminais da Justiça Federal e Estadual ou Distrital dos pais ou responsáveis, acompanhamento com um docente tutor da instituição em que a criança estiver matriculada, envio trimestral de relatórios com as atividades pedagógicas realizadas, cumprimento dos conteúdos curriculares da Base Nacional Comum Curricular, manutenção de um registro periódico das atividades pedagógicas e realização de avaliações anuais de aprendizagem.

Além disso, de acordo com o texto do projeto, os responsáveis também devem formalizar a opção pelo ensino domiciliar junto a uma instituição de ensino credenciada. Essas instituições devem seguir algumas regras, como proporcionar atividades pedagógicas que promovam a formação integral do estudante, manter o cadastro dos estudantes, realizar avaliações anuais de aprendizagem e participação nos exames dos sistemas nacional, estadual ou municipal de avaliação da educação básica, oferecer acompanhamento com um docente tutor, exigir que estudantes que reprovarem duas vezes seguidas ou três alternadas frequentem a escola, promover avaliações anuais de aprendizagem e participação nos exames do sistema nacional, estadual ou municipal de avaliação da educação básica e realizar encontros semestrais com os pais ou responsáveis. Analisaremos algumas das consequências e (im)possibilidades dessas determinações legais adiante.

Hoje, o atual PL está no Senado e continua aguardando tramitação sob a relatoria da professora e senadora Dorinha Seabra (União Brasil).

O presidente em vigência no país, enquanto escrevemos essa dissertação, é Luís Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores). Ainda que estejamos sob outro governo, de centro-esquerda, a configuração do Senado alterou para uma base ainda mais conservadora e liberal comparado ao último

período, o que faz com que tudo ainda fique mais incerto quanto ao destino desse PL.

O projeto de lei do ensino levanta sérias preocupações e apresenta uma série de problemas que não podem ser ignorados. Ao permitir que os pais optem por educar seus filhos em casa, sem a supervisão e diretrizes adequadas, abre-se espaço para uma série de questões. Primeiramente, o ensino domiciliar pode comprometer a socialização das crianças, privando-as do convívio com seus pares e do desenvolvimento de habilidades sociais essenciais para a vida em sociedade. Além disso, há o risco de falta de padronização do currículo e da qualidade da educação oferecida, uma vez que cada família pode adotar métodos e conteúdos diferentes, resultando em lacunas no conhecimento dos estudantes. Também é importante considerar a falta de preparo dos pais para assumir o papel de educadores em tempo integral, especialmente em disciplinas mais complexas, como matemática e ciências. Sem mencionar a dificuldade de avaliar de forma imparcial e objetiva o progresso acadêmico dos estudantes educados em casa. Essas são apenas algumas das questões que cercam o ensino domiciliar e que devem ser cuidadosamente analisadas antes da aprovação de um projeto de lei que pode comprometer a qualidade e a igualdade de oportunidades na educação.

3.4 PANORAMA DO HOMESCHOOLING NO CAMPO DA PESQUISA BRASILEIRA: TESES E DISSERTAÇÕES

O acesso às informações quantitativas do Banco de Teses & dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foi criado com o objetivo de facilitar o acesso e refletir a produção em nível de pós-graduação das IES (Instituições de Ensino Superior).

Com o acervo de Teses e Dissertações a partir de 1987, a ferramenta da CAPES disponibiliza os resumos das respectivas produções, assim como filtros para refinamento de pesquisas que compreende categorias como mestrado e doutorado, ano, autor, orientador, banca, grande área do conhecimento, área conhecimento, área avaliação, área concentração, nome de programa, instituição e biblioteca.

Para a revisão de literatura das teses e dissertações no Campo do Ensino Domiciliar (*homeschooling*) no Banco de teses & Dissertações CAPES foram usados, em um primeiro momento, os descritores: ***homeschooling***, em um segundo momento, foi acrescido ao descritor o termo “ensino domiciliar”, resultado no seguinte descritor: ***homeschooling AND ensino-domiciliar*** (conforme a tabela 01); na última parte do levantamento de dissertações e teses optamos pelo descritor entre aspas para uma melhor filtragem: **“ensino domiciliar”**.

Tanto no primeiro caso (*Homeschooling*) quanto no terceiro caso (Ensino domiciliar) os resultados coincidiram com a busca do segundo descritor (***homeschooling AND ensino-domiciliar***), por esse motivo apresentamos apenas a tabela desses descritores.

Para a pesquisa em si, como o sistema da CAPES não faz diferenciação entre letra minúsculas ou maiúsculas, foi optado em se utilizar minúsculas; a respeito dos acentos, há diferença nos resultados e por atender um campo maior, a opção foi fazer a busca de dados com palavras não acentuadas. Para consultar mais de uma palavra, como ensino domiciliar, foi utilizado hífen em vez de aspas, ficando ensino-domiciliar. A expansão da consulta foi feita a partir do conector AND, como por exemplo, *homeschooling AND ensino-domiciliar*.

Optamos pelo recorte do resultado entre os anos de 2012 a 2022, porém no banco de dados de dissertações e teses da CAPES não consta os trabalhos realizados no ano atual, que no nosso caso é 2022, esse recorte tem sua justificativa em trabalhos realizados nos últimos 10 anos.

Sobre alguns aspectos da busca, quando digitado um descritor no campo de busca, não temos como saber ao certo a origem do resultado; assim, o descritor pode se localizar no título, nas palavras chaves, no nome do programa de ensino ou até mesmo no nome da instituição, o que nos mostra limitado quando utilizamos o descritor *homeschooling*, haja visto um número significativo de "domiciliar".

Outro erro que ocorreu na coleta de dados foi o fato de o portal mostrar um número total de trabalhos para determinados descritores menores que a soma de trabalhos, neste caso optamos por colocar o número somado dos trabalhos e não número total indicado pelo banco de dados. A respeito dos títulos

dos trabalhos, optamos por enumerar o conjunto de descritores elencados acima, como se vê na Tabela 1 e descrito no Quadro 1 abaixo.

Tabela 1 – Descritores: homeschooling AND ensino-domiciliar

	Descritores	Mestrado	Doutorado	Total
2012-2022	<i>homeschooling</i> AND ensino-domiciliar	15	2	19
2012		0	0	0
2013		1	0	1
2014		1	0	1
2015		0	0	0
2016		1	0	1
2017		1	1	2
2018		2	0	2
2019		2	0	2
2020		5	1	6
2021		3	0	3
2022		0	0	0

Quadro 1 – Dissertações de mestrado e tese de doutorado com o descritor homeschooling AND ensino-domiciliar

REFERÊNCIA	ANO
BASTOS, RENATO GOMES. HOMESCHOOLING: UMA PROPOSTA DE ESCOLARIZAÇÃO INTRAFAMILIAR' 19/04/2013 74 f. Mestrado em DIREITO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: PUC MINAS	2013
KLOH, FABIANA FERREIRA PIMENTEL. HOMESCHOOLING NO BRASIL: a legislação, os projetos de lei e as decisões judiciais' 24/06/2014 233 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino:	2014

UNIVERSIDADE CATOLICA DE PETROPOLIS, Petrópolis Biblioteca Depositária: UCP	
VASCONCELLOS, MORONI AZEVEDO DE. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESCOLARIZAÇÃO NA POLÊMICA ACERCA DA HOMESCHOOLING. ' 15/04/2016 98 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Centro I	2016
BERNARDES, CLAUDIO MARCIO. ENSINO DOMICILIAR COMO DIREITO-DEVER FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO: conformação deôntico-axiológica dos seus aspectos normativos e principiológicos ' 23/03/2017 146 f. Mestrado em Direitos Fundamentais Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE ITAÚNA, Itaúna Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade de Itaúna	2017
NOVAES, SIMONE. HOMESCHOOLING NO BRASIL: um estudo sobre as contribuições do ensino domiciliar no desenvolvimento das competências individuais e na formação educacional ' 13/03/2017 116 f. Mestrado Profissional em ADMINISTRAÇÃO Instituição de Ensino: FACULDADE PEDRO LEOPOLDO, Pedro Leopoldo Biblioteca Depositária: Dr. José Ephim Mindlin	2017
MAZOTTI, MARCELO. O ATIVISMO JUDICIAL NO PANORAMA DO DIREITO À EDUCAÇÃO: a intervenção do Poder Judiciário nas políticas públicas educacionais e seus efeitos práticos: estudo comparado entre o Brasil e os EUA ' 27/03/2017 252 f. Doutorado em DIREITO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Direito USP	2017
KOTSUBO, OSVALDO KENJI. Homeschooling: O desafio da educação domiciliar no Brasil frente à Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 ' 07/12/2018 123 f. Mestrado em SISTEMA CONSTITUCIONAL DE GARANTIA DE DIREITOS	2018

Instituição de Ensino: CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BAURU, Bauru Biblioteca Depositária: www.ite.edu.br	
HENRIQUE, LIZIA IARA BODENSTEIN. O HOMESCHOOLING COMO UMA VIA LEGÍTIMA DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL DAS CRIANÇAS E SUA COMPREENSÃO COMO EXPRESSÃO DA AUTONOMIA FAMILIAR ' 13/07/2018 111 f. Mestrado em Direito Constitucional Instituição de Ensino: INSTITUTO BRASILEIRO DE ENSINO, DESENVOLVIMENTO E PESQUISA, Brasília Biblioteca Depositária: undefined	2018
PESSOA, ALEXSANDRO VIEIRA. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DOMICILIAR: UM ESTUDO DE CASO EM ARACAJU-SE ' 28/02/2019 123 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão Biblioteca Depositária: Bicen	2019
SANTOS, ALINE LYRA DOS. EDUCAÇÃO DOMICILIAR OU "LUGAR DE CRIANÇA É NA ESCOLA"? Uma análise sobre a proposta de homeschooling no Brasil' 26/03/2019 256 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca do CFCH	2019
CORREA, MATEUS XAVIER. HOMESCHOOLING: DESAFIOS DO ENSINO DOMICILIAR NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA/ES ' 03/06/2020 103 f. Mestrado Profissional em CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO CRICARÉ, São Mateus Biblioteca Depositária: Biblioteca da FVC	2020
CARDOSO, VICTOR HUGO FERNANDES. "As representações sociais do homeschooling entre adeptos." 26/03/2020 163 f. Mestrado em PSICOLOGIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: BDTD/UERJ	2020
SACCHETTO, DEBORA DUARTE. HOME SCHOOLING: UMA ALTERNATIVA PARA A EFETIVAÇÃO DO DIREITO	2020

<p>FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO' 30/09/2020 112 f. Mestrado em DIREITO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Irmão José Otão</p>	
<p>KLOH, FABIANA FERREIRA PIMENTEL. De Canela a Brasília: nas vozes de um processo, a Educação Domiciliar chegou à Suprema Corte brasileira' 19/02/2020 267 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Rede Sirius</p>	2020
<p>TELES, ISABELA FERNANDES PAIM. HOMESCHOOLING NO BRASIL: UMA ANÁLISE DOS VOTOS DOS MINISTROS DO STF NO RECURSO EXTRAORDINÁRIO (RE) 888815/RS ' 13/04/2020 102 f. Mestrado em Direito Instituição de Ensino: FACULDADE DE DIREITO DO SUL DE MINAS, Pouso Alegre Biblioteca Depositária: FDSM</p>	2020
<p>ANDRADE, GIULIA DE ROSSI. HOMESCHOOLING: constitucionalidade e intervenção estatal na educação domiciliar' 30/03/2021 180 f. Mestrado em DIREITO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, Curitiba Biblioteca Depositária: PUCPR</p>	2021
<p>SALES, FERNANDO ROMANI. PROCESSO DECISÓRIO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL E DIREITO À EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS FUNÇÕES DA CORTE A PARTIR DO CASO DO ENSINO DOMICILIAR' 29/04/2021 165 f. Mestrado em Direito Instituição de Ensino: ESCOLA DE DIREITO DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/30640</p>	2021
<p>SILVA, VANIA MARIA DE CARVALHO E. Homeschooling ou Educação Domiciliar: Origem, Debates e Tentativas de Regulamentação no Brasil' 25/08/2021 undefined f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO</p>	2021

ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca	
Depositária: undefined	

A análise dos dados coletados revela uma lacuna significativa de pesquisas no campo do ensino domiciliar (*homeschooling*), considerando a crescente movimentação política em torno da implementação dessa modalidade de ensino. O número limitado de dissertações de mestrado e teses de doutorado encontradas indica uma falta de atenção acadêmica em relação a esse tema, levantando questionamentos sobre a relevância e importância atribuídas a ele. Essa ausência de pesquisas no âmbito do ensino domiciliar pode ser interpretada como uma falha em explorar a fundo os aspectos educacionais, sociais e psicológicos associados a essa prática.

Além disso, os resultados sugerem que os pesquisadores têm direcionado sua atenção para outras áreas da educação, possivelmente deixando de lado a investigação aprofundada do ensino domiciliar. Isso levanta questões sobre quais são as preocupações predominantes dos pesquisadores no campo da educação e se o ensino domiciliar está sendo negligenciado como um tema relevante para investigação. É importante considerar que essa modalidade de ensino desperta debates e controvérsias em relação aos direitos das crianças e jovens à educação e ao papel do Estado na garantia desse direito.

Conforme a pesquisa revelou a maior parte dos trabalhos dentro do portal CAPES são da área do direito, das 19 pesquisas apenas 7 são da educação, indicando uma clara disparidade entre as ênfases de pesquisa dentro das diferentes áreas acadêmicas. A concentração de estudos sobre ensino domiciliar na área do direito pode sugerir uma abordagem mais legalista e jurídica em relação ao tema, enquanto a escassez de pesquisas na área da educação pode refletir uma falta de interesse ou compreensão abrangente das implicações pedagógicas do avanço do obscurantismo no Brasil.

Diante desses achados, torna-se evidente a necessidade de uma maior atenção acadêmica ao avanço da extrema direita e conseqüentemente ao tema do ensino domiciliar. A educação é um pilar fundamental para o desenvolvimento da sociedade, e compreender as complexidades, os benefícios e os desafios da educação é crucial para uma sociedade justa.

A ausência de pesquisas sobre o ensino domiciliar na área da educação em si também pode indicar que alguns temas relacionados a essa prática estão sendo silenciados ou marginalizados na academia. Questões como a qualidade da educação domiciliar, os desafios enfrentados pelos pais que optam por essa modalidade, os impactos sociais e emocionais nas crianças e jovens envolvidos e as políticas públicas necessárias para regulamentar o ensino domiciliar são exemplos de tópicos que merecem maior investigação e debate. O silêncio em torno dessas questões pode refletir a falta de interesse ou compreensão da importância desses temas, negligenciando assim a oportunidade de desenvolver um conhecimento mais aprofundado sobre o ensino domiciliar e seus efeitos na sociedade.

4 EXPERIÊNCIA E O HOMESCHOOLING

Olhar a educação pelas lentes de Benjamin significa considerar essa atividade humana como compromisso social de uma dada coletividade que busca produzir, no sujeito individual, as marcas civilizatórias de um dado conjunto histórico-cultural. Embora não se dedique a esse tema, podemos inferir que esse autor defende uma compreensão de educação que tem a criança no centro, mas enquanto membro específico de um todo social. Não seria demais considerar a criança como uma pequena mônada de um tempo-espaço sócio-histórico.

Sobre questões mais específicas da educação, Benjamin faz a defesa dos brinquedos e da educação a partir da ótica da criança, colocando-a no centro dos seus próprios processos de significação. Dessa forma, critica a indústria do brinquedo, chamando a atenção para o grave erro dos adultos em produzir coisas prontas e acabadas para as crianças, asfixiando sua imaginação e significação. No mundo contemporâneo, isso é recorrente, pois se acha que o brinquedo mais estimulante é que vai promover formas de aprendizagem e processos formativos. Mas para Benjamin, o brinquedo é exatamente a materialidade da brincadeira, e é a brincadeira que deve conduzir enriquecer o seu processo criativo, pois é ela que imprime no brinquedo a ação imaginativa. Diz ele:

[...] Podemos descrevê-lo da seguinte maneira: a imitação está em seu elemento na brincadeira, e não no brinquedo [...] Por isso, o brinquedo infantil não atesta a existência de uma vida autônoma e segregada, mas é um diálogo mudo, baseado em signos, entre a criança e o povo. Um diálogo de signos para cuja decifração a obra de Gröber oferece um fundamento seguro. (BENJAMIN, 2012, p. 266)

Está contida nessa e outras afirmações de Benjamin que a brincadeira, o brinquedo, a imaginação e os processos de significação da criança decorrem de seus processos de socialização, da presença do outro, na relação “entre a criança e o povo”. Essas reflexões serão importantes para se discutir o viés individualista da educação domiciliar, pois não há experiência sem o outro.

4.1 O ÚLTIMO REDUTO DE FORMAÇÃO (*BILDUNG*)

Apresentaremos um breve contexto sobre o conceito de *Bildung* e a importância da escola como um reduto possível de sua conservação.

Além da definição em si, não existe uma tradução exata para o termo *Bildung* em português, assim como não tínhamos uma tradução exata para o conceito de *Paidéia*, que podemos lembrar da cultura grega. Apesar das diferenças cronológicas e socioculturais entre o ideal da *Paidéia* grega e o conceito de *Bildung*, ambos possuem uma aproximação significativa: a centralidade da educação. Tanto a ideia de *Paidéia*, que representa uma concepção mais ampla de formação, quanto a *Bildung*, que também alarga a noção ampla de formação, ambas têm a educação como elemento central.

Alguns teóricos¹¹ podem ajudar a visualizar e entender o que esse conceito, em última análise, significa. A palavra *Bild*, em alemão, significa imagem, forma ou representação, podendo ser traduzida como "foto", por exemplo. Pode-se usar a palavra *Bild* em diversos outros contextos, pois funciona com um elemento positivo de diversas palavras. No entanto, especialmente nesse contexto, *Bildung* é concebida com um processo de formação do sujeito ao longo da vida. O sufixo alemão *Ung* indica um processo, um vir a ser e, nesse caso, trata-se de um *work in progress* de formação, como se fosse um trabalho em andamento, algo que está sempre em curso, nunca concluído. O resultado dessa formação já é, por si só, um novo ciclo do processo de formação. Portanto, nunca se trata de um processo finalizado, semelhante ao conceito de *Paidéia*, pois, enquanto estivermos vivos, somos formados pelas instituições, mas também nos formamos individualmente. Há também uma clara ideia de autoformação aqui, um impulso interno que nos guia em direção a buscar melhorar o "espírito" e alcançar um certo nível de elevação por meio da formação.

O termo *Bildung* também é encontrado em outros conceitos e palavras, como por exemplo a palavra *Vorbild*, onde o prefixo *Vor* significa "aquilo que vem

¹¹ Barbara Freitag (1996, 2007) em seu livro *O indivíduo em formação* e também no artigo *Entre a Paideia e a Bildung: Pistas para uma educação humanística* faz todo o percurso para explicar o conceito de *Bildung*, tanto etimologicamente quanto epistemologicamente. Assim ela percorre pelos principais teóricos que vão de Platão, Aristóteles a Rousseau, Morgenstern, Pestalozzi, Kant, Humboldt, Adorno e Gadamer.

antes". A palavra *Vorbild* significa "modelo" ou "exemplo", o que é de extrema importância no contexto pedagógico. Além disso, a palavra *Nachbildung* significa "cópia", que também está relacionada a um exemplo. *Nachbildung* refere-se àquilo que vem após a imagem, que é posterior à ideia de forma ou existência. Outro exemplo é encontrado em *bildungskraft*, um termo presente em Kant, que significa "imaginação". Mais do que uma palavra, o conceito de *Bildung* está presente de certa forma nesse vocabulário alemão e, dentro de um contexto pedagógico, encontra-se a preocupação com a formação e a educação.

A influência do conceito de *Bildung* no ideário pedagógico do século XIX é notável. Diversos autores do século XVIII, como Kant e especialmente pedagogos importantes do século XIX, como Pestalozzi, fundamentaram suas teorias educacionais levando em consideração a ideia de *Bildung*, como formação complexa e permanente. Portanto, esse conceito indica algo que está sempre em construção, em constante dinamismo. Também se fala de um certo impulso para o desenvolvimento dessa formação, um impulso que todos nós, como seres humanos, possuímos.

Existem elementos internos e externos à *Bildung*. Os elementos internos estão relacionados a cada indivíduo e, portanto, têm a ver com a ideia de autoformação ou auto cultivo. Por outro lado, existem elementos externos que são institucionais e derivam de nossa própria cultura. Embora sejam externos, nos constituem como seres humanos vinculados a uma determinada cultura e comunidade, como a escola. Não seria exagerado afirmar, por exemplo, que formação ou cultivo também podem ser entendidos como sinônimos de autoformação ou auto cultivo. Esses dois elementos são importantes para a ideia da constituição histórica da *Bildung*.

É importante lembrar que historicamente o conceito de *Bildung* se consolidou na cultura alemã principalmente na segunda metade do século XVIII, no seio do romantismo alemão. No entanto, se olharmos para a França, por exemplo, encontraremos elementos relacionados à ideia de formação nas teorias de Rousseau. Sua obra pedagógica mais famosa, *Emílio*, escrita em 1762, assim como *O contrato social*, do mesmo ano, apresentam elementos que estão diretamente ligados à ideia de formação. Portanto, percebemos que, aparentemente, o século XVIII centraliza as preocupações com os problemas da formação humana, pelo menos no contexto europeu. No entanto, é importante

ressaltar que estamos fazendo um recorte específico aqui, considerando principalmente a Europa. O mundo não se reduz à Europa e há sempre outras possibilidades e aberturas para pesquisa nesse sentido.

Se refletirmos, do ponto de vista filosófico, desde Aristóteles, já se observava as implicações éticas para o uso adequado da razão. Para Aristóteles, a busca pelo bom uso da razão conduzia à *eudaimonia*, ou seja, à felicidade. Mas é no século XVIII, conhecido como o período do Iluminismo, também chamado de *Aufklärung* na Alemanha, a razão assume um papel central nas discussões filosóficas e políticas desse período. Entretanto, em contraposição a essa confiança exacerbada na razão, surge o movimento romântico, que não é irracional ou bárbaro, mas sim uma reação a essa confiança excessiva na razão. Esse movimento, principalmente na literatura e no teatro, atribui maior peso às emoções, revelando certo desconforto humano no mundo. Há uma sensação de deslocamento presente e é nesse contexto que o conceito de *Bildung* emerge, sendo uma síntese dessas duas tendências antagônicas. Por isso, há certa variação no conceito de *Bildung*, tornando-se difícil defini-lo de forma precisa. Inclusive, existe um artigo intitulado *Crítica ao conceito Bildungsroman*, escrito por Oliveira (2013), que critica esse conceito, pois embora desperte fascínio nos pesquisadores por abordar algo tão fundamental para a formação humana, carece de uma definição mais concreta. Lidamos, então, com um problema de dupla natureza: a falta de uma definição mais exata e a dificuldade da tradução, o que empobrece um pouco o conceito. De forma resumida, assim como a *Paidéia* não se limitava à cultura, mas era também cultura; assim como a *Paidéia* não se restringia ao conhecimento, mas também era conhecimento; e assim como a *Paidéia* não se reduzia ao ensino, mas também era ensino, o conceito de *Bildung* engloba todas essas ideias e conceitos relativos à formação, constituindo-se como um conceito mais amplo e relevante.

Embora o conceito de *Bildung* se remeta ainda ao período medieval, com a ideia de *imago dei*, ou seja, o homem como imagem e semelhança de perfeição de Deus, historicamente aparece discutido de forma profana nas obras de Humboldt, principalmente em sua figura em Berlim, onde ocupou um cargo político semelhante ao de ministro da educação da Alemanha. Humboldt escreveu uma pequena obra com anotações sobre o conceito de *Bildung*, tornando-se uma das referências principais nesse assunto.

A finalidade última de nossa existência: assegurar através de nossa pessoa ao conceito de humanidade o maior conteúdo possível, tanto durante o período de nossa vida, quanto além deste, deixando nele as marcas de nossa atuação viva. Essa tarefa somente se realiza mediante a junção de nosso Eu com o mundo, assegurando sua independência mais geral, intensa e livre [...] a verdadeira finalidade do homem — não aquela que as tendências conjunturais lhe procuram prescrever mas sim aquela prescrita pela razão eterna e imutável — consiste na mais alta e ponderada formação de suas forças para um todo. A liberdade é a condição primeira e indispensável para esta formação (HUMBOLDT, 1980, pg. 235, 65 *Apud* FREITAG, 1994, pg. 13)

Humboldt aborda a noção de *Bildung*, que inicialmente possui um caráter essencialmente individual, levando em consideração o sujeito como indivíduo e dependendo dele. Observa-se que o "Eu" é destacado em letra maiúscula, porém, se comunica com o mundo e exerce influência sobre ele. Essa influência é significativa, como já discutido em outro momento por Platão, na sua *República*. Embora o princípio antropológico abordado não seja exatamente o mesmo neste contexto, há uma certa semelhança. Essa ideia pressupõe que o cultivo pessoal ou o autodesenvolvimento se refletem necessariamente em nossas ações no mundo. É importante ressaltar que isso não é indiferente, ou seja, se não permitirmos que nosso impulso de formação seja desenvolvido, seja por escolha de não nos formarmos ou por limitações socioculturais que impeçam nosso desenvolvimento cultural, isso terá claras consequências éticas e em outros aspectos para o mundo em geral. Nesse contexto, é relevante destacar a impossibilidade de formação influenciada pelas condições sociais, como a falta de acesso a uma educação de qualidade, por exemplo, em uma escola. É fundamental considerar a influência dessas condições, como a classe social, raça, gênero e outras questões pertinentes. Ademais, como veremos adiante, Adorno, destaca a ideia de *Halbbildung*, ou seja, a semiformação, enfatizando que há implicações sociais e consequências para o conjunto da sociedade, mesmo se considerando a formação individual. Portanto, o foco recai na conexão entre o eu e o mundo, sendo esse o aspecto mais relevante a ser considerado.

Durante os séculos XVIII e XIX, a materialidade do conceito de *Bildung* foi revelada em uma forma literária específica conhecida como *Bildungsroman* ou romances de formação. É importante examinar o que esses romances revelam, como são constituídos e quais são os elementos-chave dessas narrativas de amadurecimento. Essa relação entre educação/formação e literatura é de grande

importância. O século XVIII, também conhecido como o século das luzes ou o século iluminado, foi caracterizado não apenas pelo progresso intelectual, mas também pela abundância de produção e consumo literário. Nesse contexto, não é surpreendente que os romances de formação tenham surgido nesse período e tenham lançado uma nova luz sobre o mundo através da literatura. A proximidade entre a ideia de um romance de formação e a autoformação é notável, pois o leitor, ao se engajar com o romance, se encontra diante da possibilidade de moldar a própria formação. Não se trata aqui de uma instituição formal como a escola, mas sim de alguém lendo um livro, um romance e, assim, a oportunidade de buscar a autoformação se apresenta. Esse processo de autoformação ocorre por meio do conteúdo específico do romance, que difere de outros gêneros, pois apresenta um protagonista em seu próprio processo de amadurecimento ou *Bildung*. Consequentemente, o processo de *Bildung* do protagonista do romance pode influenciar significativamente a autoformação do leitor, como no clássico livro de Goethe, *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, que se tornou o exemplo desse tipo de literatura.

Freitag (1994), neste contexto, revela uma profunda ligação entre educação/formação e literatura. Através do conceito de *Bildungsroman*, podemos compreender a importância dessa relação. O termo refere-se a um gênero literário que retrata o desenvolvimento e amadurecimento do protagonista, geralmente desde a infância até a vida adulta. Nesse processo, a educação e a formação desempenham um papel fundamental na construção da identidade do personagem e na sua compreensão do mundo. Através da leitura de obras que se enquadram nesse gênero, os leitores são convidados a refletir sobre a influência da educação na formação de indivíduos, destacando a importância da literatura como uma ferramenta de aprendizado e crescimento pessoal. Bárbara Freitag, ao explorar essa relação entre educação/formação e literatura, contribui para a compreensão de como a literatura pode influenciar a nossa trajetória de vida e nos auxiliar na busca por conhecimento e amadurecimento.

Ainda mantendo as tradições de preocupação com a *Bildung*, agora no contexto do capitalismo, um dos conceitos teorizados por Adorno consiste na crítica à noção de *Halbbildung*, que pode ser traduzida como semiformação. Essa crítica denuncia a presença de elementos danificadores na formação,

resultando em uma formação prejudicada pelo capitalismo, reificada e incompleta, ou seja, uma *Bildung* que não é plenamente constituída e sim obstruída. É importante destacar que o conceito de formação perpassa grande parte das teorias alemãs dos séculos XVIII, XIX e XX e Adorno aponta para os perigos de sua danificação.

A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas sucede. Desde modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização. Nada fica intocado na natureza, mas sua rusticidade – velha ficção – preserva a vida e se reproduz de maneira ampliada. (ADORNO, 2010, p.9)

Adorno estava profundamente preocupado com a cultura e a sociedade modernas, particularmente com a alienação e a dominação, que via como inerentes ao capitalismo tardio. Ele acreditava que a ideia tradicional de *Bildung*, seguindo a tradição kantiana de *Aufklärung*, que enfatiza a autonomia e a formação individual, estava ameaçada nessas condições.

Além disso, nos casos em que a formação foi entendida como conforma-se à vida real, ela destacou unilateralmente o momento da adaptação, e impediu assim que os homens se educassem uns aos outros. Isso se fez necessário para reforçar a unidade sempre precária da socialização e para colocar fim àquelas explosões desorganizadoras que, é óbvio, se produzem às vezes justamente onde já está estabelecida uma tradição de cultura espiritual autônoma. (ADORNO, 2010, p. 11)

Para Adorno, a cultura contemporânea estava cada vez mais moldada pela indústria cultural, que produz bens culturais padronizados e comerciais que tem como objetivo agradar às massas e promover a conformidade. Essa padronização cultural impediria, segundo o autor, o desenvolvimento de indivíduos autônomos e críticos, condições essenciais para a verdadeira *Bildung*.

Adorno (2021a) via na educação um potencial elemento de resistência em meio à cultura padronizada e à alienação social. Ele argumentava que a educação deveria encorajar o pensamento crítico e a reflexão sobre as estruturas sociais opressivas. Além disso, enfatizava (2010) a importância do ensino das artes e da música como meios de desenvolver a sensibilidade e promover a experiência estética não instrumental.

Trazendo essas reflexões para o contexto do *homeschooling*, fica claro a problemática em relação à sua prática. Segundo Ventura (2020, p. 11), o

homeschooling representa a condenação da educação à pobreza da vivência interna, afastando-se da ideia de educação como formação plena da personalidade. O conceito de *Halbbildung* proposto por Adorno é evocado para descrever essa limitação educacional. A verdadeira formação da personalidade, por sua vez, só é alcançada através do contraste com o "eu outro", aquele com o qual se identifica ou não, mas a partir do qual a individualidade é construída (*Selbstbildung*). Ao assimilar a noção de *Bildung* como uma abertura para o estranho, um movimento de lançar-se para fora de si mesmo, compreendendo o outro, percebe-se que a formação integral do sujeito ocorre nesse ciclo de sair de si e retornar. Essa reflexão nos leva a questionar a perda da comunicabilidade moderna, discutida por Benjamin (2018) e anteriormente mencionada, que reside, em grande parte, no declínio da capacidade de "traduzir" (compreender) o outro, seja na nossa própria língua ou em outra.

A vida moderna, impulsionada por avanços tecnológicos e mudanças sociais, tem testemunhado uma transformação significativa nas experiências humanas. Como observado por Ventura (2020, p. 10), estamos presenciando não apenas o declínio da vida compartilhada nas ruas, mas também a progressiva perda do contato genuíno com o "outro". Essa tendência representa o fim de um importante momento da vida comum, onde interações reais e encontros fortuitos aconteciam naturalmente. Na medida que nos afastamos cada vez mais desse espaço público vital, corremos o risco de nos isolarmos em bolhas sociais restritas, privando-nos das conexões e compreensões que surgem das experiências compartilhadas. A sociedade contemporânea, portanto, enfrenta o desafio de equilibrar a conveniência e a eficiência proporcionadas pela vida moderna com a necessidade intrínseca de contato humano autêntico e o sentido de pertencimento à comunidade.

Através do *homeschooling*, testemunhamos uma efetiva privação da riqueza da experiência. Agora, a instituição escolar deixará de ser uma parte fundamental do que entendemos como *Bildung*, dando lugar à *Halbbildung*. Nesse contexto, perderemos completamente o sentido da busca pelo "outro" e a viagem em busca do "outro" como meio de nos encontrarmos em nós mesmos. Mantendo-se esse ritmo, corre-se o risco da formação de uma geração de indivíduos cada vez mais egoístas e imediatistas. Assim, o *homeschooling* aponta para o início do fim de uma tradição, a escola.

4.2 DECADÊNCIA DA NARRAÇÃO NOS ESPAÇOS ESCOLARES E DA EXPERIÊNCIA NA VIDA MODERNA

A análise da decadência da narração nos espaços escolares e da experiência na vida moderna requer a retomada de conceitos de Benjamin. O pensador alemão nos convida a refletir sobre a perda da arte da narrativa, substituída por formas de comunicação fragmentadas e rápidas. A ênfase na eficiência, padronização e transmissão de informações nos ambientes educacionais muitas vezes relega a prática da narração a segundo plano. Isso cria um compasso inerente à vida moderna, caracterizada por um ritmo acelerado e uma constante inundação de estímulos. Assim, é crucial investigar como essas dinâmicas interagem e afetam a percepção e o valor atribuídos à narração e à experiência nas escolas contemporâneas e na vida moderna.

Destarte, Walter Benjamin demonstra a preocupação com a perda da capacidade de narração já no seu tempo.

É uma experiência que nos diz que a arte de contar está chegando ao fim. É cada vez mais raro encontrarmos pessoas capazes de contar história como deve ser [...] a cotação de experiência baixou. E tudo indica que continuará a perdê-la, até desaparecer por completo. (BENJAMIN, 2018, p.140)

A Primeira Guerra Mundial foi um acontecimento que levou Benjamin (2018) a concluir que as experiências vividas pelos soldados não eram dignas de serem narradas. Ele afirmou que aquilo "era tudo menos a experiência que passa de boca em boca". Além disso, com o avanço da tecnologia, foram utilizados pela primeira vez instrumentos de destruição em massa, o que causou um horror inimaginável. Esse fato determinante esvaziou a capacidade de narrar, diferentemente de eventos históricos narrados com heroísmo pela literatura mundial, como se vê na *Ilíada* e na *Eneida*.

A narração sofreu transformações significativas, sendo a imprensa o exemplo mais marcante. Com o surgimento da revolução industrial e da tecnologia na era moderna, a informação passou a ser transmitida de forma instantânea e com prazo de validade definido, chegando às casas das pessoas,

que agora não dispõem mais de tempo livre devido à substituição do ócio pelo negócio.

Todas as manhãs somos informados sobre o que de novo acontece à superfície da Terra. E, no entanto, somos cada vez mais pobres de histórias de espanto. Isso se deve ao fato de nenhum acontecimento chegar até nós sem estar já impregnado de uma série de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece tem utilidade para a narrativa, praticamente tudo serve antes a informação. (BENJAMIN, 2018, p. 146)

A informação gerada pela imprensa é de certa forma contrária à capacidade de formação de experiência, pois, ao contrário das obras atemporais da literatura, ela tende a ser fugaz e superficial. Enquanto algumas dessas obras literárias, como os famosos *Bildungsroman*, têm o objetivo de promover a formação e o crescimento do leitor por meio de uma narrativa complexa e profundamente envolvente, as informações da imprensa muitas vezes se limitam a apresentar fatos sem relevância e imediata, ou como diz o próprio Benjamin (2012, p. 86), uma “forma de pobreza totalmente nova”, sem a mesma oportunidade de reflexão e construção de significados. Nesse sentido, é importante reconhecer a importância de obras literárias como instrumentos valiosos na formação de indivíduos.

Esse processo de transformação ocorreu devido à velocidade e à efemeridade da era moderna, que privilegia o imediatismo e a instantaneidade. A experiência (*Erfahrung*), que antes era adquirida ao longo do tempo, através da participação ativa na tradição e da absorção gradual de conhecimentos, perdeu espaço para a vivência (*Erlebnis*), que se caracteriza por momentos fugazes e superficiais. Assim como a imprensa colabora para a disseminação de informações instantâneas e efêmeras, a vivência (*Erlebnis*) também se torna uma sucessão constante de acontecimentos breves, desconectados e centrados no presente, sem um compromisso com a memória individual e coletiva, assim como com a continuidade histórica e cultural. Nesse contexto, a narrativa, que costumava ser um veículo para a transmissão e comunicação de experiências e saberes acumulados ao longo do tempo, perde seu papel central, dando lugar a uma cultura do imediatismo e do entretenimento instantâneo. A tradição é substituída pela novidade e a profundidade e a reflexão são substituídas pela superficialidade e pela busca por estímulos imediatos. A vivência, assim como a imprensa, contribui para uma sociedade cada vez mais orientada para o “agora”,

em detrimento de uma conexão mais significativa com o passado e um compromisso mais duradouro com a construção do futuro.

Isso nos conduz a questões cruciais para contemporaneidade: De que maneira podemos estabelecer uma conexão entre a decadência da narração e o esvaziamento da experiência com o contexto educacional contemporâneo? Antes de tudo, no entanto, é essencial indagarmos se há lugar para a narração e a experiência, dentro de uma perspectiva Benjaminiana, nos espaços escolares atuais.

Segundo Arendt (2016a), a escola ocupa um espaço intermediário, um "entre", em sua concepção. Ela não pertence ao domínio público, onde a ação se desenrola, nem é um espaço privado. A escola "de modo algum é o mundo e não deve fingir ser" (2016a, p. 64). Benjamin, por sua vez, critica veementemente a escola, tanto por seu comportamento quanto pela sua ambição de "fingir ser o mundo". Para Benjamin, a escola de sua época era um ambiente no qual ele não se sentia seguro, não correspondente ao ambiente projetado por Arendt como uma possível solução para a crise da educação, o que muitos consideram tendo um viés conservador¹².

[...] parece-me que o conservadorismo, no sentido de conservação, faz parte da essência da atividade educacional, cuja tarefa é sempre abrigar e proteger alguma coisa – a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo. Mesmo a responsabilidade ampla pelo mundo que é aí assumida implica, é claro, uma atitude conservadora. (ARENDR, 2016b, p. 242)

A insegurança enfrentada por Benjamin é manifestada pela criança que ele foi diante de sua escrivanhinha.

Assim, aquela escrivanhinha guardava, sem dúvida, certa semelhança ao banco escolar, mas sua vantagem era que nela eu ficava protegido e dispunha de espaço para esconder coisas de que ele não deveria saber. A escrivanhinha e eu éramos solidários frente a ele. E mal me havia recuperado após um aborrecido dia de aula, ela já me cedia novo

¹² Arendt (2016b, p. 246) faz uma defesa a uma educação conservadora e explica que é no sentido do "novo contra o velho, o velho contra o novo", essa proteção de duplo sentido da criança e do mundo é a tarefa do seu conservadorismo, e ainda afirma "exatamente em benefício daquilo que é novo e revolucionário em cada criança é que a educação precisa ser conservadora". A negação dessa responsabilidade é, segundo Arendt (2016b, p 241) reflexo da mais cristalina exteriorização do desagrado com o mundo, "seu desgosto com o estado de coisas, que sua recusa a assumir, em relação às crianças, a responsabilidade por tudo isso". O objetivo de proteger, de se responsabilizar pela criança está intrinsecamente ligado à esta categoria de conservação. O conservadorismo defendido por Arendt, portanto, está mais relacionado ao que nos restou da tradição do que propriamente a categoria em si, sobretudo na educação. Para ela isso só tem a validade quando se trata de adultos e crianças, mas não entre os pares.

vigor. Eu podia me sentir não só em casa, mas também numa cela como a daqueles clérigos que se vêem nas iluminuras medievais, ora em seu genuflexório, ora em sua mesa de trabalho, como se estivessem dentro de uma couraça. (BENJAMIN, 1987, p. 120)

Tanto para Arendt quanto para Benjamin, a verdadeira experiência só pode se manifestar em um ambiente seguro, longe da exposição à "luz". No entanto, é importante ressaltar que essa visão não deve ser interpretada como uma crítica à escola em si, mas às configurações dos espaços escolares e a total falta de espontaneidade, conforme mencionado por Adorno.

O espírito está vinculado a isso e não cabe esperar que alguém prove sua identidade social nem com ele, nem, em geral, com sua objetivação como formação cultural. E o *desideratum*, tão desejado por todos, de uma formação que possa ser examinada onde quer que venha ser posta em questão, é apenas a sombra daquela expectativa. A formação cultural, controlável, que se transformou a si mesma em norma e em qualificações, equivale à cultura geral que se degenera no palavrório dos vendedores. O momento da espontaneidade [...] tal como caracteriza a formação como algo distinto dos mecanismos de domínio social da natureza, decompõe-se na agressiva luz das avaliações. (ADORNO, 2010, p. 23)

No contexto educacional contemporâneo, a narração e a experiência enfrentam desafios significativos. A ênfase na transmissão eficiente de informações e na padronização dos espaços escolares muitas vezes inviabiliza possibilidades de criação de espaços propícios à narração, levando à perda da arte da narrativa. A vida moderna, marcada por um ritmo acelerado e uma constante inundação de estímulos, cria um descompasso inerente, afetando a percepção e o valor atribuídos à narração e à experiência nas escolas e na sociedade como um todo. Nesse sentido, é fundamental investigar como essas dinâmicas interagem e influenciam a formação dos indivíduos, especialmente considerando a perspectiva de Walter Benjamin e sua preocupação com a perda da capacidade de narração e a transformação da experiência na era moderna.

O esvaziamento da experiência e a decadência da narração no contexto educacional contemporâneo podem ser relacionados à velocidade e à efemeridade da era moderna. A informação transmitida pela imprensa e pelas mídias digitais tende a ser fugaz e superficial, em contraste com obras literárias atemporais que promovem a formação do leitor por meio de narrativas complexas e envolventes. A vivência (*Erlebnis*), caracterizada por momentos breves e desconectados, substitui a experiência (*Erfahrung*) adquirida ao longo

do tempo, contribuindo para uma sociedade orientada para o imediatismo e o entretenimento instantâneo. A cultura do agora e a busca por estímulos imediatos substituem a tradição, a profundidade e a reflexão. Diante desse contexto, é fundamental refletir sobre o papel da narração e da experiência nos espaços escolares atuais e questionar se ainda há lugar para essas práticas fundamentais na formação dos indivíduos, considerando a perspectiva de Benjamin.

Com instituição forjada no seio do processo de produção capitalista e mesmo como desdobramento da condição da criança no processo produtivo industrial, a escola carrega a marca da administração fordista, tendo dificuldades de superar as fragmentações decorrentes da organização instrumental do trabalho e dos sujeitos que a integram. Nessa condição de fragmentação e aligeiramento formativo, sem lugar para o ócio, as experiências também se esvaem, como o pássaro onírico benjaminiano que com o menor sussurro das folhagens se assusta e voa (BENJAMIN, 2012).

Em que pese essas dificuldades estruturais e culturais da escola, os espaços de convivência e trocas comunicativas, como nas brincadeiras, nas conversas e outras interações coletivas, estão cada vez mais reduzidos na contemporaneidade, torna-se a escola um espaço privilegiado de resistência para encontros e produções de narrativas, logo, de experiências.

Embora Benjamin lamente a decadência da narrativa, por todo lado, a partir da modernidade, ambigualmente também admite sua transformação, como se as musas da narrativa encontrassem novas brechas e formas de se expressar. A questão é encontrar meios, no interior do espaço escolar, para transformar notícias em conhecimentos, transmissões em comunicações, fragmentos de disciplinas e horários em momentos de partilhamento de “saberes”, “conselhos” e “histórias surpreendentes” (BENJAMIN, 2012).

Se a tendência com o *homeschooling* é atrofiar cada vez mais a experiência e consolidar a vivência limitada, ao “mais do mesmo” da casa, a escola, que representa a tradição, precisa se afirmar cada vez mais como polo oposto de resistência e monumento de civilidade, transformando vivências fugidias em experiências que sejam acumuladas na memória pessoal e coletiva.

4.3 HOMESCHOLLING A SERVIÇO DE UMA PEDAGOGIA BURGUESA

O projeto de lei aprovado na Câmara dos Deputados regulamenta o ensino domiciliar e foi proposto inicialmente pelo deputado Lincoln Portela, do PL/MG. No entanto, a deputada Luisa Caziani, do PSD/PR, apresentou uma proposta substitutiva ao projeto original, como comentado anteriormente.

O projeto de lei determina de que os estudantes que optarem pelo ensino domiciliar devem estar regularmente matriculados em uma instituição de ensino, que será responsável por acompanhar o progresso do aprendizado. Essa determinação tem como justificativa garantir a qualidade e a adequação do ensino oferecido aos estudantes que adotarem essa modalidade de educação.

Entretanto, é essencial examinar essa questão mais profundamente, principalmente quanto aos desafios implicados nessa determinação.

Embora os pais procurem a liberdade de educar seus filhos, o controle do Estado pode ter consequências inesperadas, como um “tiro pela culatra” ou decorrente da crença na incapacidade dos órgãos competentes em acompanhar o progresso escolar de cada estudante; pois, mesmo que os filhos recebam uma educação baseada em princípios ideológicos domésticos, estarão sujeitos ao controle de uma instituição credenciada e seguirem um currículo “oficial”. Ainda assim, é preciso destacar que, em relação aos materiais didáticos, há uma intensa comercialização já existente nesse campo, com materiais à venda em sites¹³ que promovem o ensino domiciliar. Some-se a isso a mercantilização de todo o processo ao fato de que a exigência do monitoramento do ensino não seja feita por uma instituição pública, mas por uma credenciada, o que abre precedentes para a comercialização do progresso educacional em prol da defesa dos princípios ideológicos da família tradicional.

Outra característica adicional de caráter elitista do projeto aprovado é a exigência de os pais comprovarem possuir formação de nível superior ou em educação profissional tecnológica, o que se revela excludente e problemático. De acordo com a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), apenas 20% da população brasileira possui ensino superior¹⁴, o que por si só já torna o acesso à educação domiciliar um privilégio. Esse critério se

¹³ Disponível em < <https://encr.pw/V0PTh> > acessado em 06/07/2023.

¹⁴ Disponível em < <https://acesse.one/j8B6o> > acessado em 08/07/2023

torna ainda mais restritivo quando consideramos que, de acordo com uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), 70% dos brasileiros com diploma universitário estão empregados¹⁵, ou seja, não estão em casa para praticar o *homeschooling*. As perguntas que surgem são: Quem é o público-alvo do ensino domiciliar? Apenas aqueles que possuem ensino superior no Brasil e o privilégio de não precisar trabalhar?

Para responder a essas questões, sem anacronismo e sem transformar Benjamin em um oráculo, é necessário compreender a crítica que o pensador alemão faz à burguesia e a uma pedagogia burguesa. Benjamin aponta as falhas dessa pedagogia, que tem como objetivo principal "formar" adultos que se encaixem nas normas sociais espelhadas no próprio modo de vida burguês; como já vimos anteriormente, esse modo de vida representa alienação do conjunto da sociedade e decadência experiencial e narrativa.

Benjamin critica especificamente uma pedagogia burguesa que busca formar indivíduos para alcançar a prosperidade por meio da meritocracia. Essa abordagem ensina, como ele retoma na crônica do *Tiergarten*¹⁶, "O trabalho é a glória do cidadão,/ A prosperidade, o prêmio pelo seu esforço" (BENJAMIN, 2022, p. 73).

Benjamin argumenta que a pedagogia burguesa busca manipular os indivíduos de acordo com os interesses e a manutenção da classe burguesa, resultando em um sistema educacional que promove alienação e busca fortalecer um sistema de meritocracia baseado em recompensas materiais, reforçando o ideário liberal do progresso e concorrência entre os indivíduos, valendo a lei do mais forte ou melhor adaptado. Nesse contexto, é importante destacar a conexão com o *homeschooling*, uma vez que essa forma de educação pode levar a um isolamento social e limitar a exposição dos alunos a diferentes perspectivas e visões de mundo. A adoção do *homeschooling* leva a uma falta de interação com outras crianças e professores, o que pode limitar ou mesmo atrofiar capacidades ligadas à convivência social e à compreensão de realidades diversas e pontos de vista diferentes. Assim, o *homeschooling*, modalidade de

¹⁵ Disponível em < <https://l1nq.com/1sP67> > acessado em 08/07/2023

¹⁶ *Tiergarten* é a primeira crônica de "A infância em Berlim por volta de 1900" e se refere ao jardim zoológico, que fica na praça de Berlim, onde está a coluna da vitória.

ensino que somente a burguesia terá acesso, embora ilusoriamente possa oferecer certas vantagens e flexibilidade, tende a resultar em uma forma de alienação educacional ou, ainda, em formação para manutenção de uma classe dominante e o aprofundamento do fosso social entre as classes.

Ao contrário desse pensamento, apoiados em Benjamin, defendemos que a essência humana só se desenvolve plenamente na interação com outros seres humanos. Para uma criança que não frequenta a escola, a interação social com seus pares é limitada, o que pode comprometer o seu desenvolvimento pleno como pessoa. A presença de outros sujeitos é fundamental para a constituição da humanidade em cada um, pois, como se deduz de Benjamin, os seres humanos moldam completamente a percepção de si mesmos e do mundo por meio das interações, quando há intercâmbio de culturas, práticas sociais e cosmovisões. No entanto, quando isoladas, as pessoas não têm a oportunidade de comunicar experiências e expandir seus horizontes; ao contrário, como disse Adorno (1995, p. 27): "não, o que elas anseiam é libertar-se das experiências". O interlocutor de Benjamin colabora com a tese de que a educação burguesa carece de humanidade ao afirmar que não "há sentido para a educação na sociedade burguesa senão o resultante da crítica e da resistência à sociedade vigente responsável pela desumanização" (1995, p. 28).

Retornando ao PL do ensino domiciliar, o site *Homeschooling Brasil* faz a indicação de que um dos diferenciais do ensino domiciliar é "seguir um cronograma e estrutura diferentes de um colégio", porém isso é contraditório com o projeto de lei, quando determina no inciso IV que os estudantes deverão cumprir os conteúdos curriculares do ano escolar de acordo com a BNCC. Embora admita a inclusão de conteúdos por parte dos pais, não permite a exclusão de parte do itinerário da Base Nacional Comum Curricular.

Os artigos mais críticos do projeto são os que versam sobre a formação do estudante. Os artigos V e o XI (BRASIL, 2002, p.3-4) dizem que é dever dos pais promoverem a:

[...] realização de atividades pedagógicas que promovam a formação integral do estudante e contemplem seu desenvolvimento intelectual, emocional, físico, social e cultural

[...] garantia, pelos pais ou responsáveis legais, da convivência familiar e comunitária do estudante. (BRASIL, 2002, p.3-4)

A educação que promove a formação integral para a burguesia, sedenta pelo processo de desescolarização ou pela retirada do controle do estado, é algo alienado e excludente. Por ser uma classe que toma a infância como uma categoria absoluta, como algo isolado da sociedade, uma categoria a parte, tende a formar para uma educação danificada, inorgânica até para a própria corporação da classe burguesa.

Para Benjamin (2012), há um duplo sentido problemático para esse isolamento da criança, primeiro ético, porque desde a chegada da criança no mundo ela já se apropria dos valores burgueses no seio familiar e, segundo psicológico, porque é através da manipulação e da ideologia doméstica que vai alcançar seus objetivos. Pelo *homeschooling*, as famílias vão educar por meio de ideologias sem contradição dialética e, muitas vezes, pior, por doutrinas fundamentalistas e sectárias, adequando assim as crianças aos seus objetivos.

Psicologia e ética são os polos em torno dos quais se agrupa a pedagogia burguesa. Não se deve supor que ela esteja estagnada. Ainda atuam nela forças ativas e, por vezes, também significativas. Apenas, nada podem fazer contra o fato de que a maneira de pensar da burguesia, aqui como em todos os âmbitos, está cindida de uma forma não dialética e rompida interiormente. Por um lado, a pergunta pela natureza do educando: psicologia da infância. Da adolescência; por outro lado, a meta da educação: o homem integral, o cidadão. (BENJAMIN, 2009, p. 121)

Como já vimos, uma questão central que permeia as obras de Benjamin é a importância das manifestações sociais como veículos de rememoração e aquisição de conhecimento. Segundo ele, a experiência (*Erfahrung*) é intrínseca à construção da memória e, conseqüentemente, imprescindível para o desenvolvimento do conhecimento. A pedagogia burguesa, que promove o isolamento e a individualização, é uma pedagogia baseada no poder e na dominação. Essa abordagem, por sua vez, acaba por anular e esvaziar a conexão intrínseca entre cultura e pedagogia.

As crianças têm mais necessidade de nós do que nós delas, eis a máxima inconfessada dessa classe, que subjaz tanto às especulações mais sutis de sua pedagogia como à sua prática de reprodução. A burguesia encara sua prole como herdeiros; os deserdados, porém, encaram-na como apoio, vingadores ou libertadores. Essa é uma diferença suficientemente drástica. Suas conseqüências pedagógicas são incalculáveis (BENJAMIN, 2009, p. 122).

Nesse sentido, entendemos que para Benjamin a verdadeira compreensão e aprendizado surgem do diálogo e da interação entre os indivíduos, “quem ouve contar uma história está em companhia do narrador” (BENJAMIN, 2018, p. 157), que são componentes essenciais do coletivo. Ao negar a importância desse contexto social, a pedagogia burguesa limita o potencial educativo e restringe a formação de uma consciência crítica. O conhecimento desvinculado da experiência coletiva torna-se vazio e descontextualizado, perdendo sua capacidade transformadora. Contra esse ponto de vista, Benjamin defende a necessidade de uma abordagem pedagógica que valorize a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento, em que o coletivo seja reconhecido como espaço vital para a criação de memória e a transmissão cultural. Somente por meio desse entrelaçamento entre cultura e pedagogia é possível alcançar uma educação mais autêntica, libertadora e capaz de nutrir a consciência crítica dos indivíduos.

Diante de vários artigos, parágrafos e incisos problemáticos do projeto que está sendo apreciado no Senado Federal, deixamos por último o exame do inciso III, do quinto capítulo:

Os pais ou responsáveis legais perderão o exercício do direito à opção pela educação domiciliar caso: III – o estudante do ensino fundamental e médio seja reprovado, em 2 (dois) anos consecutivos ou em 3 (três) anos não consecutivos, na avaliação anual prevista nos §§ 3º e 5º do art. 24 desta Lei, ou a ela injustificadamente não compareça; (BRASIL, 2002, p.5)

Como corolário do desprezo pela escola e pela convivência com “os deserdados” que falava Benjamin, a instituição escolar surge na forma da lei como punição ao não cumprimento das regras ou mediante um mau desempenho nas provas. Assim, o estudante será obrigatório retornar à escola, como se fora um fardo ou uma obrigação e não como possibilidade de experiência (*Erfahrung*) e pluralidade.

Diante desse quadro trágico, faz-se necessário pensar se os próprios agentes públicos, com a aprovação do ensino domiciliar, não agiram como algoz da *res-publica* (coisa pública).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa destaca logo de início que o *homeschooling* no Brasil está intimamente ligado ao Movimento Escola sem Partido, que busca restringir a atuação “política e ideológica” nas escolas, como se a escola fosse um espaço neutro, fora do campo de lutas que é a sociedade. Essa conexão evidencia a disputa ideológica em torno da educação e a tentativa de impor uma visão conservadora e restritiva do ensino. Além disso, a análise bibliográfica e documental realizada durante o estudo revelou que o avanço do *homeschooling* está inserido em um contexto mais amplo de obscurantismo na educação brasileira. Esse fenômeno envolve não apenas a tentativa de controlar o campo educacional, mas também a redução da educação a um produto econômico, no qual forças hegemônicas buscam privatizar e terceirizar o ensino. Nesse sentido, é fundamental compreender a relação entre o ensino domiciliar, o neoliberalismo e o conservadorismo.

O Movimento Escola Sem Partido (ESP) é uma organização que denuncia o uso político e partidário da educação por professores, contando com o apoio de conservadores e liberais. Embora tenham diferenças, ambos os grupos desejam expurgar a esquerda das escolas e controlar a educação sexual e religiosa em lares. Diante do fracasso do ESP como promessa governamental, surge um impulso conservador para estabelecer o ensino domiciliar no Brasil. O debate sobre *homeschooling* envolve questões cruciais sobre o papel dos professores, a socialização dos alunos, a capacidade dos pais em educar e a política nas escolas.

Como visto, há escassez de estudos acadêmicos sobre o ensino domiciliar, exigindo maior aprofundamento. Uma análise bibliográfica baseada nas contribuições de Benjamin e Adorno, especialmente em relação à experiência, revela os impactos do obscurantismo e do avanço do *homeschooling* na formação dos indivíduos. É essencial entender a educação como resistência à barbárie e como salvaguarda da democracia e dos valores humanos. As reflexões de Benjamin e Adorno mostram que a educação desempenha um papel crucial na construção de uma sociedade crítica e no desenvolvimento humano pleno.

Ao refletir sobre o avanço do *homeschooling*, é essencial considerar a perspectiva de Walter Benjamin e Theodor Adorno. Benjamin nos alerta para os perigos do esvaziamento vivido na sociedade moderna, enfatizando a importância de valorizar a experiência e promover uma sociedade mais equilibrada. Adorno, por sua vez, destaca a necessidade de uma educação crítica e autônoma, capaz de formar indivíduos conscientes e preparados para enfrentar as adversidades do mundo. Através das reflexões de Benjamin e Adorno, somos orientados a pensar em uma educação que valorize a experiência, promova a formação crítica dos indivíduos e proporcione uma consciência histórica.

Com base nas ideias de Benjamin e Adorno, é possível refletir caminhos para construir uma sociedade que busque a fuga da barbárie, onde a educação seja um espaço de formação integral e de desenvolvimento pleno das potencialidades individuais e coletivas. Enfrentar os desafios do obscurantismo na educação brasileira requer o engajamento de pesquisadores, educadores, gestores e sociedade em geral na defesa de uma educação emancipadora, inclusiva e comprometida com a formação de indivíduos críticos capazes de compreender e transformar o mundo.

Compreender esses conceitos à luz de Benjamin e Adorno permite refletir sobre os desafios atuais da educação brasileira e do avanço do obscurantismo. A formação de indivíduos críticos, capazes de se apropriar culturalmente e fazer uma leitura crítica do mundo, é crucial em um contexto em que forças hegemônicas buscam reduzir a educação a um produto econômico e impor controle ideológico nas escolas.

Somente por meio de uma educação emancipadora, inclusiva e comprometida com a formação de indivíduos críticos poderemos enfrentar os desafios impostos pelo obscurantismo e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

A ascensão da extrema direita no Brasil, impulsionada pela influência das redes sociais e pela estratégia da indústria cultural, levanta preocupações sobre o controle exercido sobre o conhecimento e a educação. O *homeschooling*, nesse contexto, acende uma luz vermelha quanto aos desafios importantes a serem considerados, como o acesso a uma educação plural e inclusiva, a interação social e a diversidade de perspectivas. É fundamental garantir uma

educação de qualidade que promova a diversidade, o pensamento crítico e contribua para uma sociedade mais justa e inclusiva.

A ausência de pesquisas sobre o ensino domiciliar também pode indicar o silenciamento ou marginalização de certos temas na academia. Questões como a qualidade da educação domiciliar, os desafios enfrentados pelos pais, os impactos sociais e emocionais nas crianças e jovens envolvidos e as políticas públicas necessárias para regulamentar o ensino domiciliar merecem maior investigação e debate. É crucial incentivar e ampliar a pesquisa nesse campo, a fim de embasar decisões informadas e promover um debate qualificado sobre o tema diante das discussões em curso sobre políticas educacionais e escolha de modalidades de ensino.

O conceito de *Bildung* é uma categoria essencial para a compreensão do atual cenário da educação. Esse conceito se refere à formação do sujeito ao longo da vida, que envolve tanto a autoformação individual quanto a formação coletiva através da cultura e das instituições sociais. Diversas correntes filosóficas e pedagógicas ao longo dos séculos enfatizaram a importância da formação do indivíduo e do conhecimento. No entanto, Adorno alertou para os perigos da semiformação, que é a padronização cultural imposta pela indústria cultural e pelo capitalismo tardio. Ele defendeu a educação como forma de resistência, estimulando o pensamento crítico e a sensibilidade estética não instrumental.

Nesse contexto, o *homeschooling* emerge como um desafio para a formação plena da personalidade e para a busca do outro como meio de constituição da individualidade. A prática do ensino em casa pode privar as crianças da riqueza das experiências compartilhadas na escola e limitar seu contato com diferentes perspectivas e diversidade. Isso pode resultar na criação de uma geração de indivíduos egoístas e imediatistas, sem a capacidade de compreender e se relacionar com a complexidade do mundo.

Portanto, é necessário refletir sobre os impactos do *homeschooling* na formação das crianças e na construção de uma sociedade mais justa e democrática. A escola desempenha um papel fundamental na promoção da formação integral dos indivíduos, na promoção da *Bildung* e na formação de cidadãos críticos, sensíveis e socialmente engajados. Preservar essa tradição

de formação é essencial para o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas e para um futuro mais promissor.

Considerando as reflexões de Walter Benjamin, pode-se fazer algumas considerações finais sobre a relação entre a decadência da narração e o esvaziamento da experiência nos espaços escolares contemporâneos. Benjamin estava preocupado com a perda da capacidade de narrar e a substituição da experiência autêntica por formas fragmentadas de comunicação na vida moderna. A cultura do imediatismo e do entretenimento instantâneo muitas vezes relega a prática da narração a segundo plano. A imprensa e as mídias digitais contribuem para a disseminação de informações fugazes e superficiais, em contraste com as obras literárias atemporais que promovem a formação do indivíduo por meio de narrativas complexas. A estrutura e cultura da escola muitas vezes refletem a lógica instrumental e fragmentada do processo de produção capitalista, dificultando a promoção de experiências significativas.

No entanto, a escola ainda pode ser um espaço privilegiado de resistência, onde é possível promover encontros e produções de narrativas, possibilitando a transformação de meras transmissões em comunicações significativas. É fundamental buscar meios para transformar as experiências vividas na escola em conhecimento e compartilhamento de saberes, fortalecendo a importância da narrativa e da experiência como elementos essenciais para a formação integral dos indivíduos e para a construção de uma sociedade conectada com sua memória e tradição.

O ensino domiciliar revela uma concepção negativa da instituição escolar por meio da ideia de punição associada ao retorno à escola em caso de mau desempenho, o que reflete uma visão limitada da importância da escola como espaço de convivência e trocas comunicativas.

Apesar de suas limitações, porque produto do coração do capitalismo, a escola ainda desempenha um papel crucial na promoção da *Bildung*, enquanto formação humana autêntica, libertadora e inclusiva.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A. S.; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco (org.). **Teoria Crítica e Inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. Campinas - Sp: Autores Associados, 2010. Cap. 01. p. 7-40.

ADORNO, T. W. **Educação para Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. Notas marginais sobre teoria e práxis. In: ADORNO, T. W. **Palavras e sinais**: modelo crítico. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ADORNO, Theodor W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Editora Unesp, 2020. 103 p. Tradução de: Felipe Catalani.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 223 p.

ADORNO, Theodor W.. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor W.. **Educação e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2021a. Cap. 5. p. 129-150.

ADORNO, Theodor W.. O que significa elaborar o passado. In: ADORNO, Theodor W.. **Educação e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2021b. Cap. 1. p. 31-54.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 190 p.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Celso Lafer. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016a. 403 p.

_____. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016b. 348 p.

BENJAMIN, Andrew E; OSBORNE, Peter. **A filosofia de Walter Benjamin**: destruição e experiência. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997. 310p

BENJAMIN, Walter; BARRENTO, João (org.). **O anjo da história**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. 261 p. ISBN 9788582170410.

BENJAMIN, Walter. **Imagens do pensamento**: Sobre o haxixe e outras drogas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. 271 p. (Obras escolhidas; v. 1).

_____. Walter. **Sobre el programa de la filosofía futura y otros ensayos**. Barcelona: Planeta, 1986.

_____. Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 276 p. (Coleção Elogio da filosofia).

_____. Walter. **Linguagem, Tradução, Literatura**: (filosofia, teoria e crítica). São Paulo: Autêntica, 2018. 204 p. Tradutor João Barrento.

_____. Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a Educação**. 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2009. 174 p. Tradutor Marcos Vinicius Mazzari

_____. Walter. **Rua de mão única**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 277 p.

_____. Walter. **A modernidade e os modernos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. 108 p. (Biblioteca Tempo Universitário Série Estudos Alemães 41).

_____. Walter. **Imagens de pensamento**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. 330 p.

BRASIL. CAMPANHA BOLSONARO2018. **O CAMINHO DA PROSPERIDADE**: proposta de plano de governo. [S.L.], 2018. 81 p.

BRASIL. Congresso. Senado. Constituição (2022). Projeto de Lei nº 1338, de 19 de maio de 2022. **Projeto de Lei Nº 1338, de 2022**. Brasília DF, p. 01-10. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/153194>. Acesso em: 14 mar. 2023.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007. 285 p.

CARA, Daniel. Contra a barbárie, o direito à educação. In: Cássio, Fernando. (Org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. 1ed.São Paulo: Boitempo, 2019, v. 1, p. 25-32

COELHO, Gabriela. **HOMESCHOOLING**: no supremo, barroso vota a favor de ensino domiciliar no Brasil. No Supremo, Barroso vota a favor de ensino domiciliar no Brasil. 2018. Disponível em: <http://gg.gg/11vrnq>. Acesso em: 25 jul. 2022.

DELLA TORRE, Bruna. **A nova “organização”**: adorno, indústria cultural (digital) e a extrema-direita hoje. Adorno, indústria cultural (digital) e a extrema-direita hoje. 2021. Disponível em: <https://11nq.com/FLH7f>. Acesso em: 16 maio 2023.

ESCOLA SEM PARTIDO (Brasil). Coordenador do ESP responde às críticas de um professor-candidato. 2014. Disponível em: < <http://gg.gg/11wfe9> >. Acesso em: 25 jul. 2022.

FREITAG, Bárbara. **O indivíduo em formação**. São Paulo: Cortez, 1994.

GESSINGER, Humberto. **A hora do Mergulho**, Los Angeles: BMG: 1995. CD (3:55 min.)

HABERMAS, Jürgen. **Perfiles filosófico-políticos**. Madrid: Taurus, 1984. 431 p. Tradução de : MANUEL J IMÉNEZ REDONDO.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1990. 350 p.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "sobre o conceito de história"**. São Paulo: Boitempo, 2005. 159 p.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 174 p. Tradução Cristina Antunes.

MITROVITCH, Caroline. **Experiência e formação em Walter Benjamin**. 2007. 128 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/92327>>.

OLIVEIRA, M. H. Crítica ao conceito Bildungsroman. **INVESTIGAÇÕES (ONLINE)**, v. 1, p. 1-39, 2013.

PICHONELLI, Matheus. Homeschooling e a domesticação do aluno. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a Barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 99-106.

PUCCI, B.. **A Dialética negativa enquanto metodologia de pesquisa em educação: atualidades**. Revista e-Curriculum (PUCSP), v. 08, p. 01-24, 2012.

RIPA, Roselaine; SILVA, Alex Sander da. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES A PARTIR DE THEODOR W. ADORNÓ. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 16, p. e10206, dez. 2021. ISSN 1809-0354. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/10206>>. Acesso em: 14 maio 2023. Doi: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354202116e10206>.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2014. 317 p. ISBN 9788524913112.

SCHERER-WARREN, I. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, v. 27, n. 71, p. 417–429, jun. 2014.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, c2019. 271 p.

VENTURA, L. **O Voo da Fênix: narrativas de travessias de identidade de egressas da Educação a Distância**. Florianópolis: UDESC, 2019.

VENTURA, L.. **Homeschooling ou a educação sitiada no intèrieur**: notas a partir de Walter Benjamin. Homeschooling or education besieged in the intèrieur: notes from Walter Benjamin. PRÁXIS EDUCATIVA (UEPG. ONLINE), v. 15, p. 1-18-18, 2020.

VILELA, Pedro Rafael (ed.). 4 anos das Jornadas de Junho: como a militância política se transformou? **Brasil de Fato: uma visão popular do Brasil e do mundo**. São Paulo, p. 1-3. 26 jun. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/06/26/4-anos-das-jornadas-de-junho-como-a-militancia-politica-se-transformou>. Acesso em: 09 maio 2023.